

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE - UNIARP  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**JANE MARIA MADSEN SEIDEL**

**TÉCNICAS DE ARTETERAPIA NAS INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS:  
QUESTÕES ÉTICAS**

**CAÇADOR  
2020**

**JANE MARIA MADSEN SEIDEL**

**TÉCNICAS DE ARTETERAPIA NAS INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS:  
QUESTÕES ÉTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Psicóloga, do Curso de Psicologia, da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP.

**Orientadora:** Neuzeli Aparecida da Silva  
CRP 12 04937.

**CAÇADOR  
2020**

**JANE MARIA MADSEN SEIDEL**

**TÉCNICAS DE ARTETERAPIA NAS INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS:  
QUESTÕES ÉTICAS**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova com nota \_\_\_\_\_ este Trabalho de Conclusão de Curso** apresentado no Curso de Psicologia da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP, como requisito final para obtenção do título de:

**Bacharel em Psicologia**

---

**Ana Claudia Lawless**  
**Coordenadora do Curso de Psicologia**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Neuzeli Aparecida da Silva - UNIARP**  
(Presidente da Banca/ Orientador)

---

**Prof. Josiéli Varela - UNIARP**  
(Membro da banca)

---

**Prof. Adriana Ribas - UNIARP**  
(Membro da banca)

Caçador, SC, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Dedico este trabalho a minha família, aos filhos Shannina e Mauricio, e meu esposo, Charles, que foram meu porto seguro e não mediram esforços para que eu conquistasse essa graduação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, Eva Laci Madsen (in memoriam), por ter me mostrado o caminho da sabedoria, e Edvino Roberto Madsen, pela simplicidade da vida traduzida em alegrias.

Agradeço a Dra. Sonia B. Tomazzi, que através da arteterapia me despertou para a importância da ciência e da psicologia.

Agradeço a coordenadora do curso de psicologia, professora Ana Claudia Lawless, por me acolher no curso de psicologia, ajudando no decorrer do mesmo.

Agradeço a professora Neuzeli Aparecida da Silva, com seu amor, paciência e sabedoria, me conduziu com maestria na elaboração deste TCC.

Agradeço ao professor Clayton Zanella, que com sua capacidade inigualável, me fez amar ainda mais a psicologia.

Agradeço aos profissionais da UBS de Rio das Antas pela acolhida na realização do meu estágio 1.

Agradeço a Débora Heller, que sempre foi disponível e cuidadosa em nos auxiliar no núcleo de psicologia.

Agradeço a Rafaela Piati Mendes por ser companheira em nossas noites e madrugadas, pesquisando, estudando e discutindo a psiquê humana.

Agradeço a colega Édina, amiga de todos os momentos na universidade.

Agradeço ao meu amado companheiro Charles Seidel, que com seu amor, inteligência e maestria me auxiliou, dando suporte as minhas fragilidades, me estimulando a seguir em frente, apesar dos momentos difíceis.

Agradeço a minha filha Shannina Seidel que com seu modo sério e perspicaz me mostrou que estamos no caminho, em nos tornarmos psicólogos por excelência.

Agradeço ao meu filho Mauricio Fabian M. Seidel, que a cada dia me mostra que tudo está certo, e que sempre há motivos para ser feliz.

E por fim, agradeço a todos os professores, mestre e doutores, que com sua sabedoria me auxiliaram a chegar até aqui.

“Nunca tenha certeza de nada, porque a sabedoria começa com a dúvida”.

(Sigmund Freud)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta como tema “Técnicas de Arteterapia nas intervenções psicológicas: questões éticas. A pesquisa baseou-se na descrição dos conceitos Arte e Terapia para o entendimento da profissão Arteterapia. A questão norteadora da pesquisa foi investigar e considerar a partir do código de ética profissional do psicólogo se tais técnicas podem ser utilizadas como recurso coadjuvante nas intervenções psicológicas, incluindo a área clínica. Para a realização da pesquisa foi utilizado o método bibliográfico, de natureza descritiva e qualitativa, corroborando a relevância acadêmica, científica e social. O conhecimento da pesquisa revelou uma nova perspectiva de trabalho no tratamento de pacientes, embasado em técnicas advindas da psicoterapia junguiana com influência da psicanálise e da arte, sendo esta grande aliada para a atividade profissional na busca de trazer formas e traumas do subconsciente para o consciente e conseqüentemente, facilitando aos profissionais da psicologia, que através das técnicas se possa obter uma melhoria no manejo clínico e na própria psicoterapia, seja ela individual ou grupal. Como principais resultados da pesquisa aponta-se que, ao psicólogo (a) que irá utilizar-se de alguma técnica da profissão Arteterapia, cabe o estudo aprofundado de arte para que possa corroborar com as propriedades técnicas e científicas do manejo da psique humana, respondendo a questão problema e comprovando ainda que ao poder utilizar das técnicas de arteterapia e fazer uso em suas intervenções psicológicas, deve-se estar bem orientado em seus objetivos, levando sempre em consideração o que estabelece o código de ética profissional, bem como, o exercício da pesquisa direcionada à área.

**Palavras-chave:** Técnicas. Arteterapia. Psicologia. Ética.

## ABSTRACT

This work of conclusion of course presents as subject "Techniques of Art therapy in psychological interventions: ethical issues. The research was based on the description of the concepts Art and Therapy for the understanding about the art therapy profession. The guiding question of the research aimed to investigate whether such techniques can be used as an adjunct resource in psychological interventions, including the clinical area. For the research, the bibliographic method was used, of descriptive and qualitative nature, corroborating the academic, scientific and social relevance. The knowledge of the research revealed a new perspective of work in the treatment of patients, based on techniques derived from Jungian psychotherapy with influence of psychoanalysis and art, being this great ally for professional activity in the search to bring forms and traumas from the subconscious to the conscious and consequently, facilitating the psychology professionals, that through the techniques it is possible to obtain an improvement in the clinical management and in the psychotherapy itself, be it individual or group. As main the results of the research it is pointed out that, to the psychologist (a) who will use some technique of the Art therapy profession, it is up to the in-depth study of art so that it can corroborate with the technical and scientific properties of the management of the human psyche, answering the problem issue and also proving that in order to be able to use art therapy techniques and make use of this psychological interventions, he must be well oriented in this objectives, Always taking into consideration what establishes the professional code of ethics, as well as of research direct to the area.

**Keywords:** Techniques. Art therapy. Psychology. Ethic.

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABA - Associação Brasileira de Arteterapia

ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social

CBO - Classificação Brasileira de Ocupação

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado da Assistência Social

ONGS – Organizações não Governamentais

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 DELIMITAÇÃO METODOLÓGICA</b> .....	<b>14</b>
1.1 NATUREZA DA PESQUISA .....	14
1.2 PROCEDIMENTOS .....	14
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>15</b>
2.1 ARTE E ARTETERAPIA: CONCEITUAÇÃO .....	15
2.1.1 Origem da Arteterapia .....	20
2.2.1 A Arteterapia Enquanto Profissão .....	24
2.2.2 Abordagens da Arteterapia .....	25
2.3 PSICOLOGIA VERSUS ARTETERAPIA .....	28
2.3.1 Psicoterapia: conceituação .....	28
2.3.2 Intervenção Ludoterapêutica .....	31
2.3.3 Intervenção Psicodramática .....	33
2.3.4 Intervenção Arteterapêutica .....	36
2.4 O USO DE TÉCNICAS E RECURSOS DA ARTETERAPIA PELO PSICÓLOGO .....	37
2.4.1 Repercussões nos Indivíduos .....	39
2.4.2 Questões Éticas Envolvidas .....	42
2.4.3 Equipe Interprofissional .....	44
2.4.4 Importância da Arte no Trabalho do Psicólogo .....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

Na atualidade discute-se intensamente a importância da interdisciplinaridade visando beneficiar os estudantes com um conhecimento coeso e com maior qualidade. Não é diferente na área profissional onde a equipe técnica procura desempenhar suas atribuições de forma articulada, cada profissional com seus saberes e competências, porém, direcionando aos seus clientes um atendimento integral, visando atender o máximo de demandas presentes em suas vidas, de um modo que não configure assistencialismo e sim profissionalismo.

A Psicologia dispõe de muitos recursos e técnicas que podem ser utilizados no atendimento à sua clientela em vários contextos, possibilitando ao profissional prestar um trabalho de excelência com intervenções psicoterapêuticas que realmente auxiliam o paciente a ressignificar os acontecimentos em sua vida e mudar seu modo de pensar, sentir e agir.

O que concerne Gomes (1995) apud Faleiros (2004, p. 14): “A prática psicoterapêutica é tradicionalmente conhecida como sendo o exercício de uma arte. O terapeuta, no contexto da singularidade de um caso, combina convicções teóricas e sensibilidade pessoal para aliviar o sofrimento psicológico de alguém”.

Várias abordagens como a Psicologia Sistêmica e o Psicodrama apresentam técnicas que podem utilizadas com indivíduos, casais ou grupos. Mas, embora haja recursos técnicos disponíveis na Psicologia, vez em quando os profissionais acabam utilizando recursos de outras áreas, como por exemplo, a aplicação e desenhos, escultura com argila, jogos e outros que a princípio são atividades ligadas à pedagogia, mas são utilizados como instrumentos que facilitam a comunicação com as crianças, com adolescentes e mesmo com os adultos, através da observação de como o indivíduo se relaciona com o mundo simbólico e subjetivo que estes materiais proporcionam.

Neste mesmo contexto, referindo-se a técnicas utilizando da linguagem artística, Cherém (2015) salienta:

Pode considerar arte como sendo a criação humana de valores estéticos (beleza, equilíbrio, harmonia, revolta) que sintetizam suas emoções, sua história, seus sentimentos e sua cultura. É um conjunto de procedimentos, utilizados para realizar obras, e no qual aplicamos nossos conhecimentos. Se apresenta sob variadas formas como: plástica, teatro, música, dança, cinema, arquitetura, dentre outros. Pode ser vista ou percebida pelo homem de três maneiras: visualizadas, ouvidas ou mista (audiovisuais) (CHERÉM, 2015 p. 27).

Este trabalho de conclusão e curso apresentou como tema de pesquisa: “Técnicas de arteterapia nas intervenções psicológicas: questões éticas”. Nesta mesma ótica, após reflexão empírica acerca da arteterapia, foi levantada a questão norteadora: as técnicas da arteterapia podem ser utilizadas como recurso coadjuvante nas intervenções psicológicas, incluindo a área clínica?

Neste sentido, a hipótese inicial é de que algumas técnicas de arteterapia são possíveis de serem utilizadas no atendimento psicológico, principalmente nos trabalhos com grupos na área escolar e social, desde que os objetivos sejam coerentemente delineados e não haja confusão na mente do psicólogo.

Foi delineado como objetivo geral deste estudo: investigar a possibilidade de o psicólogo empregar técnicas de arteterapia nas intervenções psicológicas, incluindo as várias áreas de atuação.

Os objetivos específicos delineados foram: a) apresentar os fundamentos da arteterapia; b) relacionar objetivos, recursos, técnicas e resultados da arteterapia e da psicologia; c) analisar a conduta terapêutica do arteterapeuta e do psicólogo; d) averiguar o uso de técnicas da arteterapia junto a psicologia clínica; e) analisar as questões éticas envolvidas.

Justificando o propósito da pesquisa, é necessário argumentar que quando se fala em arteterapia imagina-se que as pessoas a relacionem com a psicoterapia, ou seja, que os profissionais da Psicologia realizam o atendimento psicológico através de atividades artísticas, como pintura em tela, escultura, teatro, dança, música, bordado, artesanato, e atividades afins.

Para o senso comum é possível confundir as áreas devido à falta de conhecimentos técnicos, ou seja, a população em geral não tem a preocupação em saber discernir o que é a arteterapia e o que é a psicoterapia, e acabam pensando que se trata da mesma atividade, uma vez que as nomenclaturas são similares. Embora os termos sejam similares, os objetivos terapêuticos podem ser distintos, sendo que se trata de duas profissões.

Com isso, o manejo técnico arte terapêutico justifica-se também nas palavras de Cherém (2015):

A arteterapia e sua prática são baseadas no conhecimento sobre o desenvolvimento humano e teorias psicológicas que, aliados ao desenvolvimento histórico da Arte, possibilitam, em amplo espectro, modelos para o acesso e tratamentos educacionais, terapêuticos, cognitivos, na resolução de problemas, redução de ansiedade, assim como estimulação de uma autoimagem positiva (CHERÉM, 2015 p. 30).

Assim como a Psicologia, a arteterapia possui diversas técnicas que são utilizadas como ferramentas nas intervenções arte terapêuticas, mas é importante que o profissional saiba separar essas profissões no momento do atendimento, não sendo possível ser arteterapeuta e psicólogo ao mesmo tempo, assim como não é possível ser professor e psicólogo ao mesmo tempo, uma vez que os papéis mudam conforme o contexto em que se está atuando.

Com base nesta reflexão, o presente deve ser útil para esclarecer estas duas belas profissões que tem como base tornar a vida das pessoas melhor, promovendo o encontro consigo mesmo e encontrando dentro de si a felicidade.

A metodologia de pesquisa adotada foi a bibliográfica, tendo um caráter descritivo e qualitativo, sendo realizada no período de fevereiro a novembro de 2020, no curso de Psicologia da UNIARP – Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, no Campus de Caçador.

Este estudo é relevante no aspecto acadêmico, proporcionando à pesquisadora amplo conhecimento acerca do tema e aos colegas, através do compartilhamento do material produzido e dos resultados da pesquisa.

Salienta-se a importância científica da pesquisa uma vez que foram seguidos os parâmetros metodológicos científicos recomendados pela instituição acadêmica. O estudo também tem um significado pessoal, mediante a aprendizagem adquirida em termos acadêmicos e pessoais, assim como ele será de utilidade ao público que se interessa pela arteterapia e pela psicologia, considerando que a essência de ambas as profissões é o ser humano.

# 1 DELIMITAÇÃO METODOLÓGICA

## 1.1 NATUREZA DA PESQUISA

Para este trabalho de conclusão de curso e realização da pesquisa, foi adotado o método bibliográfico, com caráter descritivo e qualitativo, com vistas descrever e analisar as situações que sob o ponto de vista empírico geram dúvidas e questionamentos. Assim, através da fundamentação teórica baseada nos referenciais teóricos, com busca em livros e em artigos científicos, foi possível realizar a pesquisa almejada. Foram utilizados materiais bibliográficos sobre o assunto arteterapia e sobre a psicologia, que se encontram disponíveis em meios eletrônicos através da internet.

Em relação à pesquisa bibliográfica, a mesma abrange material já publicado, como boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, dissertações, teses, etc. Em virtude do surgimento de novos formatos de informação, estas pesquisas também podem incluir outros tipos de fontes como material disponibilizado pela Internet (GIL, 2009).

Oliveira (1999, p. 8) explica que o estudo descritivo envolve a correspondência entre variáveis fundamentais para as diversas ciências sociais, e permite ao pesquisador uma melhor compreensão sobre o comportamento de vários fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno.

Já a pesquisa de natureza qualitativa permite que se levante informações que a “população alvo” possa compartilhar, acerca do “universo a ser investigado, que leve em consideração a ideia de processo, de visão sistêmica, de significações e de contexto cultural (SANTOS; CANDELORO, 2006, p. 71).

## 1.2 PROCEDIMENTOS

Sobre os procedimentos para a pesquisa, utilizou-se do método bibliográfico. A pesquisa foi realizada no segundo semestre, no período de setembro a novembro/2020, através do curso de Psicologia, ministrado pela UNIARP - Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, sob a orientação da professora Neuzeli Aparecida da Silva. Pela dificuldade em se encontrar obras impressas pertinentes ao assunto, a maior parte do da pesquisa foi baseada em referenciais encontrados na internet.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 ARTE E ARTETERAPIA: CONCEITUAÇÃO

Importante distinguir aqui o que significa o termo Arte. Na concepção de Reis (2014), trata-se de um recurso que facilita a comunicação dos aspectos internos, permitindo que as pessoas possam expressar suas experiências latentes, seus sentimentos e emoções, seus traumas e sofrimentos através de atividades artísticas, facilitando ao Psicólogo esse encontro com a subjetividade do indivíduo (REIS, 2014).

A ABA – “Associação Brasileira de Arteterapia” define a arteterapia como “um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente profissional. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde. A arteterapia é uma especialização destinada a profissionais com graduação na área da saúde, como Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia, embora se reconheça sua utilização por pessoas formadas nas áreas das artes e da educação, desde que sem o enfoque clínico (ABA apud REIS, 2014, p. 143).

Na perspectiva histórico cultural, considera-se a constituição da subjetividade humana relacionada com suas produções artísticas, segundo Ribeiro (2002), na psicologia, partindo desse olhar, é importante conhecer a função da história da arte para a atuação de um arteterapeuta, abstendo-se do conceito sobre o ato de criação artística enquanto somente dom.

Continuando com a ideia da autora, a respeito da compreensão do que é um artista:

A arte é entendida neste trabalho como a ação combinada do conhecimento e do sentimento, e calcada no cotidiano universal do homem artista que, utilizando da sua sensibilidade, imaginação e técnica, apreende a realidade humana social sensivelmente observada e sentida. Essa realidade é subjetivada e recriada pelo artista, que concretamente a devolve à sociedade, nas variadas formas expressivas, como a pintura, a dança, a música, a dramaturgia e tantas outras. Desta forma, ao artista cabe o domínio da técnica e a sensibilidade das idéias, ao transformar a experiência e a memória em expressão objetivada na matéria, na forma que, sentindo a apreciação da arte, permanece dependente do contexto histórico das raízes das idéias psicológicas do momento vivido, bem como das bases teóricas sólidas que fundamentam essa questão (RIBEIRO, 2002 p. 12).

Reis (2014, p. 143) explica que a Arteterapia visa a saúde e a qualidade de vida as pessoas, para promovê-las se utiliza de atividades artísticas para a realização das intervenções, traduzidas em variados recursos enquanto linguagens “plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança ”.

Para Coqueiro, Vieira e Freitas (2010), as influencias que constituem a arteterapia enquanto campo e área do saber são:

Como campo específico do conhecimento, a arteterapia firma-se nos Estados Unidos da América, em 1940, com o trabalho de Margareth Nauberg, conhecida como a “mãe” da arteterapia por estabelecer as fundamentações teóricas para seu desenvolvimento, além de demarcá-la como área do saber(3). A arteterapia recebeu influência de áreas do conhecimento como a Psicanálise Freudiana, que, no início do século XX, interessou-se pela arte como meio de manifestação do inconsciente através de imagens. Sigmund Freud observou que o artista pode simbolizar concretamente o inconsciente em sua produção, retratando conteúdos do psiquismo. Acerca disso, menciona-se seus estudos realizados sobre as obras de autores consagrados como Leonardo da Vinci e Michelangelo (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010 p. 860).

Para Reis (2014) a arteterapia é empregada em diversas modalidades como:

na avaliação, prevenção, tratamento e reabilitação voltados para a saúde, como instrumento pedagógico na educação e como meio para o desenvolvimento (inter) pessoal através da criatividade em contextos grupais (REIS, 2014, p. 143).

Arteterapia enquanto área exclusiva de atuação teve suas raízes na Psicologia, mais precisamente no campo da saúde mental, e hoje não se restringe mais ao atendimento em consultórios, sendo também uma ferramenta importante junto à “Psicologia social, escolar, organizacional, da saúde e hospitalar ” (REIS, 2014, p. 144).

Consoante, Coqueiro, Vieira e Freitas (2010) comenta sobre arteterapia:

A arteterapia é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando a resgatar o homem em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação. (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010, p. 860).

Além do aspecto terapêutico a arte possibilita a criatividade por parte do sujeito, onde ele irá encontrar novas direções para sua subjetividade. Então, a atividade artística funciona como um recurso à criação enquanto a arte possibilita as mudanças. (REIS, 2014).

Nesse sentido, é útil acrescentar as considerações de Vigotski (1999) apud Ribeiro (2002):

Compreende-se perfeitamente que a apreciação da arte estará sempre na dependência da interpretação psicológica que dela fizermos. E se quisermos resolver o problema da relação entre Arte e vida, se quisermos colocar o problema da Arte no plano da Psicologia aplicada, deveremos estar munidos de alguma concepção teórica geral de Arte e Psicologia que nos permita uma

base sólida para a solução dessa questão (VIGOTSKI, 1999 apud RIBEIRO, 2002 p. 85).

Segundo Reis (2014), as abordagens da Psicologia, “psicanálise, junguiana e gestalt” distinguem as possibilidades que a arte oferece, auxiliando ao indivíduo o encontro consigo mesmo, a inventividade e o seu desenvolvimento em várias áreas, além de favorecer a comunicação, ou seja, a expressão daquilo que pode ser verbalizado e também do que não é possível ser expresso em palavras, mas simbolicamente através das atividades artísticas.

Assim, expressar-se através da arte parecer ir de encontro ao que Handjinicolaou (1973) apud Ribeiro (2002) coloca:

Conceber a personalidade de um produtor de imagens como uma Gestalt análoga à Gestalt das imagens que ele produziu, tentar restabelecer o processo criador, isto é, os motivos psicológicos que deram origem a cada imagem e que se supõe produzirem o mesmo efeito no espectador, considerar a obra final como a objetivação do processo criador, é perfeitamente legítimo do ponto de vista de uma psicologia que tem como objetivo o conhecimento do homem que produziu a imagem, mas não tem, em contrapartida, interesse para o conhecimento da própria imagem (HANDJINICOLAOU, 1973 apud RIBEIRO, 2002 p. 88).

De acordo com Hadjinicolaou (1973) apud Ribeiro (2002), a atenção e interpretação leva à compreensão de que não é a arte em si que o significante, mas sim o que ela representa, onde metaforicamente o indivíduo comunica quem ele é, o que está sentindo e vivendo da mesma forma aquele que faz a leitura da obra, não a obra em si, mas daquilo que se encontra nas entrelinhas.

Ainda, segundo os autores, a arte é a expressão da subjetividade, daquilo que ao longo da sua existência foi sendo moldado pela sociedade, onde se tem buscado através da relação artista e obra de Arte, explicar a sua individualidade, a sua personalidade.

Com isso, Ribeiro (2002) complementa:

A arte não é fruto de inspiração divina. Desde as pesquisas que resultaram na obra Psicologia da Arte (1923-1926), aos dias atuais, de Vigotski (1999), poucos estudos científicos, como o de Nise da Silveira (1986), têm mostrado a importância da arte para o despertar da sensibilidade no uso dos sentidos dos significados culturais, que, acionados pelo pensamento em um processo constante, dão origem às imagens mentais, conscientes e inconscientes, os quais, por sua vez, são o conteúdo natural de inspiração e imaginação presentes no ato de criação (RIBEIRO, 2002 p. 12).

Nesse sentido, a Psicologia pode explicar a obra de arte como um constructo de sabedoria do homem, não só como um retrato representado. Conforme Ribeiro

(2002, p. 88): “ Os elementos da obra devem ser dignos de uma análise científica, mas considerar apenas o conhecimento da obra é um erro próprio das análises psicológicas da arte. Essa análise não pode substituir a explicação de uma imagem”.

A função terapêutica da arte, cuja raiz se reporta ao teatro grego na Grécia Antiga, reside em diversos níveis da identificação do povo com os personagens, que então liberavam sentimentos e emoções, catarticamente (CHERÉM, 2015, p. 33).

A Arte consiste numa ação desenvolvida pelo ser humano como forma expressiva, ou seja, ligada a uma necessidade universal e necessária da humanidade, sendo que, revela inúmeras e diferentes conceituações e demonstrações da interpretação da vida, recriando a realidade (CHEREM, 2015).

Conforme explanam os autores acima, a arte já foi objeto de reflexão por parte da filosofia, a qual procurou relacioná-la com uma capacidade intuitiva, ou seja, subjetiva sendo uma forma de comunicação daquilo que se tem em contato na realidade. Neste sentido é possível relacionar a metáfora de que a arte imita a vida.

Cherem (2015) vai contribuir ainda sobre o estudo da história da arte:

Estudar a história da arte significa entender e refletir sobre suas principais correntes. O estudo de objetos artísticos, busca na arte e em sua relação homem-mundo, pensar e analisar momentos artísticos, busca na arte e estéticos de diversos tempos e sociedades e desta forma cria-se conhecimentos significativos sobre a humanidade. Nas variadas e complexas vias de acesso à compreensão da arte, há que se buscar entender que cada teoria estética de cada povo, grupo, está presa aos costumes, crenças, religiosidade, filosofias, válidas em uma determinada época e lugar. Dada a sua complexidade, quem dispuser de maior conhecimento, maiores possibilidades terá de usufruir o prazer das obras de arte, ao longo de sua história (CHERÉM, 2015, p. 10).

A expressão Arte tem origem na língua latina Ars estando relacionada á habilidades ou técnica em apresentar algo que possa ser visualizado, contemplado, ou seja, admirado por outras pessoas, sendo que o autor das obras de arte a desenvolveu com base em suas próprias emoções, como expressão se sentimentos, querendo passar uma mensagem (INFOESCOLA, 2020).

Cherém (2015), ao discorrer historicamente sobre a história da arte, desde a idade antiga, idade média até chegar na idade contemporânea, nos surpreende com a transformação de cada período, sendo estes, partes da concepção expressa na atitude artística do homem.

Consoante Cherém (2015):

O entendimento desse campo histórico cultural, sensível-perceptivo e criativo do homem remete à interface com conhecimentos que possam dar conta do desenvolvimento histórico dos processos psicológicos e da história da capacidade de transformação inventivo-criativa que o homem imprime no mundo. Assim tem sido desde os primórdios da existência do homem, como revelam objetos, inscrições, desenhos, pinturas, signos, construções pré históricas só descobertas no século XX em várias partes do mundo, e os legados pelas civilizações antigas, modernas, contemporâneas, como foram mencionados acima. Nas transformações que vai imprimindo ao mundo, o homem vai experienciando e descobrindo seu potencial criativo ante a natureza e, ao manipular os materiais expressivos que a natureza lhe oferece, vai tomando conhecimento das possibilidades de uso dessa riqueza para suprir as suas necessidades de criar, recriar, inventar, conferindo as suas ideias ações expressivas necessárias para a concretude de uma concepção representativa da sua cultura e história (CHERÉM, 2015 p. 25).

Segundo Ribeiro (2002, p. 88): “Entendendo que a Arte é uma forma, cujo conteúdo resulta da subjetividade culturalmente constituída do homem, a Psicologia tem buscado por meio da relação artista e obra de Arte, explicar a sua individualidade, sua personalidade”.

A autora Ferreira (2017) afirma que o sucesso de uma ação arteterapêutica depende da combinação de vários fatores, que promovem ao homem a possibilidade de descobrir si mesmo enquanto ser humano singular. “Desta forma, os recursos de expressão em arteterapia poderão permitir que acontecimentos aprisionados no inconsciente sejam simbolizados e configurados em imagens, que possam conduzir à consciência informações deste universo obscuro” (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020, n.p).

Para conhecermos a nós mesmos, precisamos trazer para a consciência o que está submerso em nosso inconsciente. Nossos pensamentos inconscientes chegam até nós por meio da linguagem inconsciente dos sonhos, da pintura e dos desenhos (FURTH, 2004 apud GONÇALVES; PADMA p. 48).

Nas oficinas de arteterapia todas as atividades possuem um significado, elas possuem uma direção, perseguindo um caminho que vai do autoconhecimento até à resolução de conflitos internos, a partir do contato com as dores emocionais latentes, por meio das atividades vivenciadas. Contudo, os teóricos que postulam sobre esta forma de terapia, afirmam que, o bom resultado das oficinas depende da experiência do terapeuta e da empatia que consegue construir com o paciente (COQUEIRO et. al. 2010).

Segundo Coqueiro, et.al. (2010):

A arteterapia é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando a resgatar o homem em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação (COQUEIRO et. al., 2010, p. 860).

A cada atividade que o sujeito vai desenvolvendo, abrem-se possibilidades de diálogo com os seus conflitos internos, com suas habilidades escondidas e assim, podem emergir novas forças de direcionamento da própria experiência de construção humana. Na arteterapia, o profissional é indispensável quando se quer transformar as atividades propostas em algo mais proveitoso do ponto de vista psicológico, pois, conforme evidencia Coqueiro et al (2010):

Na arteterapia, várias modalidades expressivas com propriedades terapêuticas inerentes e específicas são trabalhadas”, o que já foi explicitado anteriormente, sendo que, “fica a cargo do arteterapeuta criar um repertório de informações relativo a cada modalidade, adequando-as às necessidades do usuário a ser atendido (COQUEIRO et. al., 2010, p. 860).

### **2.1.1 Origem da Arteterapia**

Entre o período de 1920 a 1930, as teorias de Freudianas e Junguianas introduziram as bases para o surgimento da arteterapia como campo específico de atuação. (CARVALHO; ANDRADE, 1995).

Os autores argumentam que Freud (1856-1939), após contemplar algumas obras de arte do artista Michelangelo, constatou que nelas haviam algo a mais, algo expressivo que traduzia a subjetividade inconsciente do pintor, representativas de uma comunicação simbólica e libertadora (REIS, 2014).

Carvalho e Andrade (1995) apud Reis (2014) afirmavam que já havia por parte da teoria freudiana a ideia de expressão do inconsciente através de representações simbólicas como aquelas ocasionadas por meio dos sonhos. Portanto acreditava-se que as imagens constituídas através da arte, poderiam expressar memórias subscientes.

Para Carvalho e Andrade (1995) apud Reis (2014) mesmo com essa descoberta, inicialmente Freud não se interessou pela arte como um instrumento para suas intervenções terapêuticas, e assim alcançar o inconsciente dos seus clientes. Na verdade, quem se interessou pela arte foi Jung (1875-1961) que na época era aluno de Freud, e que mais tarde acabou elaborando seus próprios pressupostos teóricos conhecidos, que ficaram conhecidos como Psicologia Analítica.

Neste sentido, Silveira (2001) relata que:

diferentemente de Freud, que considerava a arte uma forma de sublimação das pulsões, Jung considerava a criatividade artística uma função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura estava em dar forma, em transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas (SILVEIRA, 2001, p. 102).

Segundo Reis (2014), Freud introduziu o desenho e a pintura no consultório e orientava seus pacientes a expressarem espontaneamente, seus conflitos, sentimentos e sonhos, registrando-os através destas atividades artísticas, as quais depois eram por ele analisadas.

Por outro lado, Jung mais entusiasmado com esses estudos, e fazendo uso do desenho livre com o objetivo de promover melhor diálogo com seus pacientes. Ele acreditava na possibilidade de o homem organizar seu caos interior utilizando-se da arte (ANDRADE, 2000 apud REIS, 2014).

Arte tem sido para o ser humano, desde sempre, um canal pleno de possibilidades para que se exteriorize, seja pelo desenho, pintura, escultura, literatura. Através da Arte, o homem configura o que vê e sente, com os olhos, o coração, a mente, e, mais que isso, com o produto da imaginação ativa do que está acontecendo na sua psique (FERREIRA, 2017 p. 66).

Essas duas abordagens teóricas impulsionaram a utilização da arte no campo terapêutico, e assim a arte foi tomando parte também na área da Psicologia clínica.

Na continuidade, Margareth Naumburg (1890-1983), uma educadora norte-americana passou a fazer uso da arte sistematicamente no ano de 1941, seu trabalho é denominado Arteterapia de Orientação Dinâmica, e foi desenvolvido com base na teoria psicanalítica (REIS, 2014).

De acordo com Cherém (2015), além de Freud e Jung, vários outros psiquiatras propuseram estudar a arteterapia afim de obter resultados em clínica com pacientes, sem intitular enquanto atividade artística para tratamento médico, essa conceituação vem com o início da arteterapia.

Sobre a questão norteadora da terapia, a autora Cherém (2015) prossegue dizendo:

O termo "terapia" vem do grego e significa "prestar cuidados médicos, tratar". Também conhecida como terapêutica, a terapia é o tratamento para uma determinada doença por meio da medicina tradicional ou alternativa, e seu efeito deve ser benéfico. A terapia deve se preocupar com a saúde do seu paciente, nada mais lhe interessa, desta forma, o terapeuta deve estar munido de recursos, ou seja, devidamente preparado para fazer seu trabalho de maneira eficaz. Há vários modos de se conduzir uma terapia, ela pode ser: tradicional (aquela em que o terapeuta primeiro ouve seu cliente e depois estabelece metas para alcançar a cura) e estratégica (em que o paciente e terapeuta conversam e a solução é encontrada pelos dois). Em ambos os casos, o terapeuta precisa ser extremamente sensível e estar aberto para receber seu paciente (CHERÉM, 2015 p. 28).

A arteterapia se tornou notória no Brasil, a partir da primeira metade do século passado (XX) entrelaçada com a psiquiatria e influenciada tanto pela vertente psicanalítica quanto pela junguiana. Estes temas eram abordados pelos psiquiatras brasileiros Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999), que foram os pioneiros na utilização da arte como recurso terapêutico no atendimento de pacientes internados em instituições direcionadas aos cuidados de doentes mentais (REIS, 2014).

Conforme Ferreira (2017):

A arteterapia, usando a arte, através das mais variadas linguagens expressivas, e todo material simbólico, que fica imagetivamente materializado pelos materiais, tem como principal objetivo promover a liberação de conteúdos internos, a fim de que sejam reconhecidos, aceitos e trabalhados para que possam gerar a transformação desejada. Esse caminho, onde consciente e inconsciente travam um diálogo saudável e curativo, chamado por Jung de processo de Individuação, leva o indivíduo a aceitação e a superação das suas dores e limitações, ao crescimento e ao amadurecimento psíquico, emocional e, até, a melhora física. Assim, passa a se sentir motivado, criativo, com autoestima elevada, bem estar e mais consciente de si mesmo (FERREIRA, 2017 p. 14-15).

Utilizando-se da arteterapia como uma alternativa, os tratamentos psiquiátricos ficaram mais humanizados, onde se conseguiu resultados excelentes, com recuperação de vários pacientes, de forma mais rápida e eficiente (SILVEIRA, 2001).

Reis (2014) explica que Osório era estudante de psiquiatria em 1923, e foi fazer residente em um Hospital Psiquiátrico de São Paulo, conhecido como Juqueri, onde atuou na psiquiatria durante 40 anos.

Em 1925, este mesmo médico desenvolveu a Escola Livre de Artes Plásticas neste hospital, sendo que no ano de 1948, a equipe do hospital organizou no Museu de Arte paulista, a primeira exposição de arte pertencente ao Hospital (CARVALHO, 2008).

O referido médico também publicou, por meio de obras escritas o trabalho desenvolvido com os doentes psiquiátricos, a qual chamou de Expressão Artística dos Alienados, descrevendo sua metodologia de trabalho com os internados na classificação e análise das pinturas que os próprios doentes produziam.

Andriolo (2003) considera a importância da iniciativa de Osório, pois o mesmo marcou o início da utilização da arte por parte da psiquiatria e da psicologia. Através destas obras de arte, o médico ensaiava a leitura dos elementos simbólicos representados pelos artistas.

Reis (2014) refere-se a Osório como o “o precursor no Brasil da análise da expressão psicopatológica de doentes mentais”:

Na perspectiva psicanalítica clássica, Osório Cesar analisa a simbologia sexual presente nas produções artísticas de seus pacientes, compreendendo a obra de arte como uma representação dos desejos pessoais do autor, disfarçados nos elementos simbólicos presentes nas imagens (CESAR, 1944, apud REIS, 2014 p. 56).

Além disso os autores enaltecem o médico devido ao fato de que por seu intermédio a arteterapia passou a ser reconhecida, uma vez que foram mais de 50 exposições divulgando as criações dos doentes psiquiátricos, iniciativa esta, que certamente repercute até os dias de hoje na área da saúde mental. Os artistas eram incentivados à espontaneidade com a leitura por parte do profissional, que as atividades artísticas eram uma forma de tratamento emocional aos doentes (REIS, 2002).

Os referidos autores também registram a participação e as contribuições da psiquiatra brasileira Nise da Silveira, no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, desta vez na cidade do Rio de Janeiro. A médica passou a trabalhar com terapia ocupacional com os pacientes, no ano de 1946, introduziu junto aos pacientes atividades artísticas relacionadas com a arteterapia, seguindo o mesmo modelo de Osório, com o mesmo objetivo, de promover uma forma de tratamento alternativo, através de atividades prazerosas os doentes podiam expressar o que ocorria em seu inconsciente e promover a própria cura.

Em 1952, Nise da Silveira criou, o Museu de Imagens do Inconsciente, composto pelo acervo crescente das obras produzidas pelos internos, que conta com mais de 300.000 documentos plásticos, entre telas, papéis e esculturas. Desse modo, constituiu um rico campo de pesquisa, em que a prática realizada na Seção de Terapêutica Ocupacional era respaldada pelo estudo do valor terapêutico da atividade criadora, a partir da investigação das imagens arquivadas no Museu de Imagens do Inconsciente (CARVALHO; ANDRADE, 1995, apud REIS 2014 p. 34).

Apesar de sua iniciativa na Arteterapia, segundo os autores supracitados, a médica não aceitava reconhecimento como arteterapeuta pelo seu trabalho, se considerava tal qual sua função junto ao hospital, como terapeuta ocupacional uma vez que as obras de artes que desenvolvia com os pacientes não tinham finalidades financeiras. Mesmo assim, as pinturas eram consideradas obras de arte e as exposições eram um sucesso, inclusive frequentadas pelos críticos de arte.

Para Nise da Silveira, a função terapêutica da arte era permitir a expressão de vivências não verbalizáveis por aqueles que se encontravam imersos no inconsciente, ou seja, em um mundo fora do alcance da elaboração racional, cabendo ao terapeuta a tarefa de “estabelecer conexões entre imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo (SILVEIRA, 2001 p.18).

Enfim, Nise da Silveira fez um importante trabalho em favor da saúde mental no Brasil, ressignificando a loucura através da utilização da arte, que na verdade cumpria função da arteterapia. Segundo Frayze-Pereira (2003), o Museu de Imagens do Inconsciente se constituiu, desde sua origem, como “um núcleo de pesquisa da esquizofrenia”.

### **2.2.1 A Arteterapia Enquanto Profissão**

A Arteterapia é reconhecida profissionalmente em diversos países como Estados Unidos, Canadá, Portugal, Itália, etc., onde os profissionais são organizados através de associações. No Brasil não é diferente, um exemplo é a união das Associações Brasileiras de Arteterapia – UBAAT.

Através do Projeto de Lei nº 3.416-A, de 2015, a arteterapia é reconhecida como uma profissão, incluída na CBO - Classificação Brasileira de Ocupação, o que o autoriza a ser contratado formalmente através da carteira de trabalho e previdência social, inclusive podendo participar de concursos públicos e atuar em qualquer área de sua competência, como órgãos públicos e instituições privadas, seja na área da saúde, educacional, organizacional, etc (SILVA, 2019).

Cherém (2015), discorre sobre a profissão:

A arteterapia emergiu, se distinguindo como opção terapêutica, a partir dos anos 30, no século XX, quando psiquiatras tornaram-se interessados nos trabalhos desenvolvidos por alguns pacientes (em especial, pacientes esquizofrênicos), e estes procuraram uma ligação entre suas produções e a doença que as acometia. Paralelamente arte-educadores (como mais tarde foram chamados) descobriu que a expressão através da arte era um facilitador na aquisição de aprendizagens significativas e simultaneamente na expressão simbólica e emocional. Mas quase sempre, a arteterapia esteve associada a abordagens psicodinâmicas e seus pesquisadores. É importante dizer que a compreensão da arteterapia se baseia na ideia de mais uma função que é dada à arte, juntamente com as diversas outras ideias de arte, como atividade expressiva do sentimento e da emoção ou ainda a ideia de que arte é sempre lazer, prazer (CHERÉM, 2015 p. 30).

Segundo Silva, Carvalho e Lima (2013):

O uso terapêutico das artes é conhecido desde o início dos tempos, contudo é após a Primeira Guerra Mundial que a Arteterapia começa a se constituir como profissão, dando seus primeiros passos em busca de colecionar um

arcabouço teórico de conhecimento e consolidar seu campo de atuação. Durante o período pós-guerra muitos questionamentos acerca da ciência, da noção de verdade e da concepção de ser humano emergiram, ocasionando uma mudança de paradigmas, que contribuíram para a construção de novos conhecimentos. De acordo com Ciornai (2004) a chegada de novos conceitos e a teorizações acerca do homem se configurou como crucial nesse sentido, e por volta dos anos 50 é possível falar no surgimento da Arteterapia a partir da perspectiva da Arte-Educação, que tinha como objetivo exercitar a criatividade e a linguagem artística buscando o desenvolvimento de diversas potencialidades (SILVA, CARVALHO E LIMA, 2013 p. 34).

Os autores prosseguem com o pensamento afirmando que a arteterapia no Brasil tem início na década de 20/30: “com a atuação do médico psiquiatra e crítico de arte Dr. Osório César e da médica psiquiátrica Junguiana Dra. Nise da Silveira”, ao utilizarem da arte enquanto recurso com os internos do hospital psiquiátrico, afim de desenvolver terapêuticamente. (SILVA, CARVALHO E LIMA, 2013, p. 34).

O que se quer mostrar aqui é que a arte é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo e a seu cliente, seja ele um indivíduo, seja um grupo, acessar conteúdos emocionais e retrabalhá-los através da própria atividade artística. Uma grande diversidade de temas, desde traumas e conflitos emocionais, aspectos das relações interpessoais em um grupo, expectativas profissionais, gênero e sexualidade, identidade pessoal e coletiva, entre outros, podem ser abordados pelo psicólogo através da arte. Ela é uma ferramenta que amplia as possibilidades de expressão, indo além da abordagem tradicional, que é baseada na linguagem verbal (REIS, 2014 p. 145).

Outrora, a autora Ferreira (2017) elucida a importância do profissional atuante com as técnicas da arteterapia:

O arteterapeuta é o profissional que precisa estar ciente do poder transformador do seu trabalho e da teia de conhecimentos que ele envolve. Deve, teoricamente, escolher, conhecer e pautar seu trabalho numa abordagem terapêutica: junguiana, gestáltica, comportamental, psicanalítica, cognitiva ou outras. É fundamental que conheça o poder transformador da Arte: sua história, suas teorias, seu vocabulário, saber decifrar seus códigos e símbolos e que, também, creia no poder das imagens. Deve ter ciência dos conceitos sobre as teorias da criatividade, os processos criativos e outras áreas do conhecimento, como teorias psicológicas e culturais. É importante conhecer, também, diversas modalidades expressivas, suas aplicabilidades, adequações e poderes de atuação. Precisa ter sua própria experiência com a produção artística e a prática expressiva. É importante ter passado, ele próprio, pelo processo arteterapêutico, pois o tendo vivenciado poderá compreender melhor a plenitude de todo o processo e conduzi-lo com mais conhecimento e confiança. É recomendável que durante o desenrolar do seu trabalho tenha, ele próprio, um arteterapeuta para lhe dar suporte, sempre que for necessário (FERREIRA, 2017 p. 23).

A autora discorre de o profissional ser em suma o facilitador capaz de propiciar que as transformações nos indivíduos aconteçam (FERREIRA, 2017).

Ainda na proposta de Nise da Silveira, Cherém (2015) apresenta:

Por meio de diversos materiais artísticos, o paciente tem oportunidade de, exercitando a sua emoção de lidar, transformar os materiais, modelando-os em objetos representativos de seu estado emocional-mental e físico. O contato e manuseio dos materiais possibilitam ao paciente relevar-se, assim como se sentir produtor, criador de algo que tem de alguma forma, um referencial, um sentido interior da realidade exterior, para ele exercendo uma função terapêutica, com a busca inconsciente de estruturação do espaço que leva à compreensão das relações do indivíduo com o meio onde vive. A função terapêutica da arte, cuja raiz se reporta ao teatro grego da Grécia antiga, reside em diversos níveis da identificação povo com os personagens, que então liberavam sentimentos e emoções, catarticamente (CHERÉM, 2015 p. 32).

Ou seja, enquanto profissão, a arteterapia é munida de pesquisas para a construção das técnicas advinda da produção artística em consonância com o próprio estímulo de criação dos indivíduos.

### **2.2.2 Abordagens da Arteterapia**

A arteterapia aborda diferentes abordagens para intervenção em seu trabalho, Conforme Atta (2020, s.p): “ como a Psicanálise, a Psicologia Analítica, a Gestalt-terapia, dentre outras abordagens advindas especialmente do campo da Psicologia, que considera fundamental a compreensão do arteterapeuta acerca do ser humano”.

Segundo Andrade (2000) apud Reis (2014), Margaret Naumburg foi a pioneira no trabalho com arteterapia em um viés psicanalítico, desenvolvendo a arteterapia de orientação dinâmica. Por muitos anos trabalhou junto com a irmã Florence Cane, que era artista e professora de arte na escola Walden School. Margaret sempre se baseou nas conquistas da irmã, para fazer da arte um instrumento terapêutico.

Para Naumburg, a expressão artística é como um espelho, que reflete diversas informações, e que estabelece um diálogo entre o consciente e inconsciente (ANDRADE, 1995 apud REIS 2014).

Na arteterapia psicanalítica as imagens são abordadas como um procedimento psicanalítico. E geralmente estão ligadas a memórias da infância, medos, conflitos atuais e fantasias. Dessa forma, através da arte plástica ou gráfica, o paciente consegue verbalizar e expressar seus problemas no momento que descreve o que desenhou (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010).

Arteterapia junguiana: as intervenções de Jung em relação à arteterapia foram referenciadas pela psiquiatra Nise da Silveira em suas obras e pelo próprio Jung. Para Jung, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do

seu significado manifesto e imediato. Além disso, o símbolo dinamiza uma atividade mental intensa e sadia (TOMMASI, 2012 apud REIS, 2014).

Para Ferreira (2017), a arteterapia trabalha em diferentes modalidades expressivas da subjetividade humana, favorecendo a individuação que Jung propõe.

Complementando:

Cada modalidade expressiva tem propriedades, usos e indicações inerentes e específicas. O arteterapeuta tem que conhecer cada uma delas para indicar a atividade mais apropriada a cada cliente, a cada momento vivenciado na terapia e a cada finalidade que se quer atingir. As expressões artísticas têm propriedades terapêuticas, deve-se respeitar a sensibilidade e o tempo de cada um para melhor conduzir o despertar no processo arteterapêutico. 26 A linguagem verbal é passível de ser previamente organizada e selecionada antes de ser externada, usando-a o indivíduo pode controlar o que quer comunicar, pois ela passa pelo racional, pelo ego. Mas a linguagem formal é pré-verbal, sai do inconsciente, vem à tona sem máscaras, sem rédeas, é surpreendente e muito mais reveladora. Ela é carregada de símbolos que são possuidores de muitos significados. O conjunto de estratégias que busca a compreensão desses significados é a Amplificação Simbólica. A produção imagética, através da aplicação adequada da variedade de técnicas expressivas, vai mostrando, clareando aos poucos, para o indivíduo, os significados relevantes do símbolo materializado. Quando isso acontece, o processo de amplificação está encerrado e a consciência já se apropriou do conteúdo, produzindo a transformação. Durante o processo arteterapêutico são realizadas muitas amplificações (FERREIRA, 2017 p. 25-26).

Segundo Tommasi (2012) apud Reis (2014), a figura de Jung na arteterapia é representada através dos símbolos. Segundo ela, o desenvolvimento da imaginação está ligado ao lúdico, ao prazer, a criatividade e aos símbolos. A imaginação utiliza os símbolos para expressar conteúdos profundos da psique de forma que se possa usar como ferramenta complementar ao diagnóstico psicológico.

Arterapia Gestáltica: esta abordagem organizada por iniciativa de Janie Rhyne, em livro *The Gestalt Art Experience*, quando ela inseriu a ideia de várias técnicas que utilizam diversos materiais artísticos através da arte, dentro de um contexto terapêutico, para trabalhar com indivíduos ou mesmo grupos ligação associação à Psicologia da Gestalt (REIS, 2014).

Na sua essência, a palavra alemã Gestalt quer dizer: uma forma ou configuração, um modo de organização particular das partes individuais, que se somam e entram na sua composição (PERIS, 1988, apud REIS, 2014, p. 146).

Para Rhyne, podemos utilizar o termo quando podemos perceber uma personalidade como um todo, que é formado por partes individuais que se

complementam nessa formação do ser. Sendo o todo, a soma das partes que compõe seu eu pessoal, que se expressa através da arte (RHYNE apud ANDRADE, 2000).

Sobre as áreas de abrangência e público da arteterapia, ela possibilita a atuação de profissionais em diversas abordagens da psicologia. Podendo-se trabalhar com as técnicas no consultório (nos atendimentos individuais e no grupo); nas escolas, organizações, etc. Sendo que a arteterapia auxilia a saúde psíquica, emocional e física ajudando a despertar ou resgatar a capacidade criativa e a expressividade de quem as experiencia. Nas empresas por exemplo, aumenta a motivação e a interação entre a equipe. Existem pesquisas de trabalhos arteterapêuticos realizados em hospitais, escolas, comunidades, consultórios, grupos de adolescentes, escolas especiais e empresas (WEB, 2020).

A Arteterapia auxilia neste processo, oferecendo inúmeros materiais para que o indivíduo sinta-se livre na escolha daquele que mais lhe for apropriado no intuito de revelar a si e ao mundo exterior sua verdadeira condição psicológica que influi no físico, no biológico, uma vez que não há como, a não ser pelo processo acadêmico, dissociar as três esferas que compõem o ser humano (biológica, psicológica e espiritual); Isso atende a sua singularidade, funciona como ferramenta para despertar e ativar a criatividade e, também, para desbloquear e transmitir à consciência instruções, informações oriundas do inconsciente. Essas informações normalmente são ignoradas, contidas e disfarçadas e principalmente ocultas na psique humana, e as informações colaboram para o desenvolvimento de toda a dinâmica intra - psíquica, ao serem transportadas à consciência por meio do processo arteterapêutico (VASQUES, 2009 p. 20).

Dessa maneira, a arteterapia é uma facilitadora através das abordagens, com as premissas de cada uma, direcionar o indivíduo ao encontro consigo mesmo.

## 2.3 PSICOLOGIA VERSUS ARTETERAPIA

### 2.3.1 Psicoterapia: Conceituação

A psicoterapia vem sendo cada vez mais procurada pelas pessoas, a partir de suas diversas vertentes, pois tem-se o conhecimento que a partir dela é possível trabalhar diferentes formas de resolver dificuldades, trazendo e ampliando possibilidades que vão além das resoluções conflitivas da vida das pessoas, mas também produzindo um autoconhecimento enquanto possibilidade capaz para transformação individual, social ou política (FALEIROS, 2004).

A autora elucida:

o terapeuta parece ser, no início, um símbolo para o paciente; ele representa ajuda, não importa o modo como espera ser ajudado. Essa relação dual que se esboça no mundo interno do paciente desde que ele se propôs iniciar uma psicoterapia já nos conduz aos dois aspectos fundamentais presentes no fenômeno vínculo terapêutico. Por um lado essa relação estará enraizada na realidade: o terapeuta é uma figura física, que se expressa, é uma pessoa real. Por outro, antes mesmo de o paciente conhecê-lo, ele 'existe' enquanto expectativa, enquanto ansiedade, esperança, no mundo interno do paciente. Então, antes mesmo de o paciente ter um terapeuta real, ele o tem em seu mundo de fantasia, a seu próprio modo, de acordo com suas necessidades emocionais, de acordo com suas fantasias (PORCHART, 1982 apud FALEIROS, 2004 p. 15).

Sendo assim, desde o início do século, a psicoterapia tem sido estudada e muito pesquisada para sua elaboração efetiva, independentemente da abordagem utilizada, necessita-se através das pesquisas das evidências científicas que comprovam sua eficácia e validade na jornada psicoterápica (MONDARDO; PIOVESAN; MANTOVANI, 2009).

Dewald (1989) apud Mondardo et al (2009) discorre sobre o ponto de vista da psicoterapia psicodinâmica:

como o processo psicológico que se dá entre duas ou mais pessoas, no qual o terapeuta busca aplicar seus conhecimentos a fim de compreender, influenciar e modificar a experiência psíquica, a função mental e o comportamento do paciente. Esse autor salienta que o processo psicoterápico implica uma aliança entre o terapeuta e os aspectos conscientemente sustentadores do ego do paciente, bem como o estabelecimento de uma relação adequada entre paciente e terapeuta para que ambos direcionem seus esforços a fim de alcançarem os objetivos planejados (DEWALD 1989 apud MONDARDO et al 2009 p. 159).

Quanto as habilidades e competências de um psicoterapeuta, Faleiros (2004) destaca que mesmo tendo sido a neutralidade característica estereotipada da postura psicoterapêutica, não passa de uma falácia, sendo que para efetividade da condução e manejo terapêutico, a pessoa na posição de psicoterapeuta não deixa de expressar seus sentimentos, emoções, porém embasados na importância de saber não influenciar o paciente com isso.

Especificando-se um pouco mais, quanto à atitude do psicoterapeuta, esta dependerá de seu estilo pessoal, de seu modo de estar no mundo, podendo variar de pessoa para pessoa, de técnica para técnica. Diante das diferentes orientações de tratamento, vamos restringir-nos ao comportamento do psicoterapeuta de base analítica, já que esta é uma das tendências desenvolvidas no currículo do curso, ao lado da orientação existencial. Enquanto Freud propõe ao cliente associar livremente, sugere ao analista a regra da "atenção uniformemente suspensa", deixando a mente livre para receber toda estimulação advinda do cliente (FALEIROS, 2004 p. 16).

Nas diferentes áreas de atuação do psicólogo, destaca-se inclusive nos cursos de graduação, o interesse pela área clínica, sendo esta, portanto relevante pelo trabalho psicoterapêutico na relação terapeuta e cliente. (MEIRA; NUNES, 2005).

Os autores enfatizam:

a prática da psicoterapia aborda temas decisivos na vida de quem necessita e procura por esse tipo de ajuda. Afirma-se ainda que ela não se destina apenas a auxiliar os casos agudos, mas também as pessoas que estão passando por fases transitórias: mudanças de vida, problemas matrimoniais, conflitos com filhos, adaptação à aposentadoria, fracasso profissional, e que poderão ter seus sintomas agravados e sofrerem prejuízos se forem tratadas de forma inadequada, ou por terapeutas sem a preparação necessária para este tipo de atendimento (HANNIS, 2004 apud MEIRA; NUNES 2005 p. 342).

Ou seja, no que tange ao processo da psicoterapia, partindo das concepções de Jacob Moreno, teórico criador da abordagem psicodrama da psicologia, o papel do terapeuta também precisa estar munido de características advindas da própria terapia como sendo a espontaneidade e a criatividade na relação com o paciente. (FALEIROS, 2004).

Para o entendimento de papel na abordagem psicodramática, Moreno (1975) apud Faleiros (2004) descreve:

Os papéis são os embriões, os precursores do eu, e esforçam-se por se agrupar e unificar. Distinguí os papéis fisiológicos ou psicossomáticos como os do indivíduo que come, dorme e exerce atividade sexual; os papéis psicológicos ou psicodramáticos, como os de fantasmas, fadas e papéis alucinados, e, finalmente, os papéis sociais, como os de pai, policial, médico etc [...] os papéis psicossomáticos, no decurso de suas transações, ajudam a criança pequena a experimentar aquilo a que chamamos o 'corpo'; que os papéis psicodramáticos a ajudam a experimentar o que designamos por 'psique'; e que os papéis sociais contribuem para se produzir o que denominamos 'sociedade'. Corpo, psique e sociedade são, portanto, as partes intermediárias do eu total (MORENO, 1975 apud FALEIROS, 2004 p. 17).

Outrora, dentre as varias técnicas e abordagens psicológicas de psicoterapia, todas elas compartilham do mesmo princípio, relação paciente-terapeuta, por exemplo, na psicoterapia breve de orientação psicanalítica, conforme Mondardo, Piovesan e Mantovani (2009):

A meta fundamental do tratamento psicanalítico consiste em tornar consciente o inconsciente, bem como promover a reconstrução da estrutura da personalidade, que depende da resolução de conflitos básicos e seus derivados; enquanto que na Psicoterapia Breve as metas são reduzidas e há uma delimitação prévia dos objetivos que visam a superação dos sintomas e problemas atuais do paciente. Além da delimitação dos objetivos, a Psicoterapia Breve fixa de antemão a duração do tratamento que, em geral,

é de alguns meses, diferentemente do tratamento psicanalítico que, comumente, se estende por vários anos e não tem sua duração pré-estabelecida. Quanto à técnica adotada em Psicoterapia Breve pode-se dizer que foi pouco a pouco se moldando e adquirindo uma atitude particular perante os diferentes fenômenos psicoterapêuticos, como em relação à forma com que os conflitos são trabalhados; aos fenômenos regressivos, de dependência, transferenciais e neurótico-transferenciais; ao insight; à elaboração; à multiplicidade de recursos terapêuticos e ao planejamento (BRAIER 2000 apud MONDARDO et al 2009 p. 160).

Compreende-se em síntese, que a abordagem em sua importância é constituída das técnicas que a efetivarão no tratamento com o paciente, sendo a psicoterapia um processo de suma importância em todas as abordagens, pois partem do princípio da realização de um processo transformador (FALEIROS, 2009).

### **2.3.2 Intervenção Ludoterapêutica**

A ludoterapia implica no aproveitamento de recursos lúdicos como as brincadeiras e os brinquedos como formas de expressão no processo psicoterapêutico. Se aproxima da arteterapia no sentido de utilizar outros meios de expressão com acesso do indivíduo a sua capacidade criativa. “É uma estratégia utilizada pelo psicoterapeuta, a fim de que se possa rumar no sentido da autenticidade, aspecto este que fundamenta a essência da psicoterapia de base fenomenológico-existencial ” (GONÇALVES et al 2019, p. 4).

Ludoterapia consiste em um processo psicoterapêutico direcionado ao público infantil, onde a comunicação é propiciada através do brincar, favorecendo a elaboração de conflitos por parte da criança pela intervenção do psicólogo. (THERENSE, 2019).

A Intervenção Ludoterapêutica permite ao psicólogo qualquer tema que represente a demanda da criança, onde pode ser trabalhada questões ligadas à auto estima, ao autocuidado, auxiliando ela a desenvolver capacidades psicológicas e intelectuais e amadurecimento para enfrentar os momentos difíceis e angustiantes, causadores de sofrimento (AGUIAR, 2014).

Segundo Piason e Freire (2011):

A ludoterapia centrada na criança é a aplicação dos princípios da abordagem centrada na pessoa à psicoterapia infantil. Desenvolvida por Carl Rogers, a abordagem centrada na pessoa apoia-se fundamentalmente no pressuposto da tendência atualizante, que pode ser definida como a confiança do terapeuta na tendência do indivíduo para crescer, desenvolver-se e atualizar-se, e sua única função é criar um clima interpessoal que promova a liberação desta tendência (PIAZON; FREIRE, 2011, n. p.).

Santos (2018) também confirma que a Ludoterapia é considerada uma eficiente ferramenta psicoterapêutica. Quando necessitamos chegar mais próximos e conhecer o seu mundo interno, é importante que usemos a linguagem de crianças.

Dessa forma os brinquedos são as “palavras” e o ato de brincar se constitui na “linguagem” da criança. Essa leitura da expressão emocional cabe ao psicólogo (SANTOS, 2018).

A ludoterapia tem sua base nos “estudos de Sigmund Freud, Melanie Klein e Anna Freud”. (HUTZ; BANDEIRA; TRENTINI, 2016, p. 130).

Como já foi colocado, Freud não se aprofundou na ludicidade, mas segundo Schmidt e Nunes (2014):

Considerando a história da clínica psicanalítica de crianças, destacam-se algumas escolas que contribuíram para o estudo de análise de crianças e enfatizaram o brincar como expressão do psiquismo infantil. Freud (1905) discute no texto “Três ensaios sobre a sexualidade” questões referentes à normalidade e patologia que acompanham a sexualidade na infância. Posteriormente, Freud (1909) relata em seu artigo “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” o seu primeiro exemplo de tratamento realizado com uma criança, embora o tenha feito através de uma análise indireta, pois se baseou nas anotações trazidas pelo pai da criança. Segundo Franch (2001), Freud buscava o significado do conteúdo inconsciente e latente manifesto através do comportamento da criança e de suas brincadeiras, na tentativa de reverter os sintomas fóbicos do menino. (FREUD 1905-1909 apud SCHMIDT; NUNES 2014 p. 19).

Ou seja, a ludoterapia se tornou imperativa como um instrumento de ajuda para a avaliação psicológica de crianças. Arminda Aberastury, psicanalista argentina contribuiu consideravelmente na área lúdica enquanto recurso psicoterapêutico, A hora do jogo, apresentado por ela, era o próprio brincar, privilegiando a criança de poder adentrar no seu mundo interno através da brincadeira, projetando a expressão do seu inconsciente. (SALTIEL, 2012).

A entrevista lúdica é um importante instrumento para a avaliação diagnóstica e precisa ser sistematizada para facilitar a comunicação com a criança e com os pais.

Conforme Saltiel (2012) ressalta:

Freud (1969) destacou que as crianças brincam para fazer alguma coisa que, na realidade, fizeram com elas, passando de passivas para ativas. Através do brinquedo, conseguem elaborar eventos traumáticos, possibilitando a realização do desejo dominante para sua faixa etária, relacionando-se com o real, recriando a realidade. (SALTIEL, 2012 p.5).

Em relação ao termo entrevista lúdica, Cunha (2003), a define como:

A entrevista lúdica de cada processo psicodiagnóstico é uma experiência nova, tanto para o psicólogo como para a criança, em que se refletirá o

estabelecimento de um vínculo transferencial breve. Nos brinquedos oferecidos pelo psicólogo, a criança deposita parte dos sentimentos, representante de distintos vínculos com objetos de seu mundo interno. (EFRON, FAINBERG; KLEINER et al, 1978 apud CUNHA, 2003 p. 99).

Como o próprio termo indica, entrevista lúdica diagnóstica está voltada à avaliação da criança para estabelecimento de um diagnóstico psicológico. Ela se diferencia da entrevista lúdica terapêutica, pois engloba um processo que tem começo, desenvolvimento e fim em si mesmo, operando como uma unidade que deve ser interpretada como tal (CUNHA, 2003).

Conforme refere Arzeno (1995) apud Cunha (2003), a entrevista lúdica diagnóstica, portanto acontece no início do atendimento à criança referente à primeira fase de escuta e investigação. Mas não precisa se reduzir a um único encontro e nem somente ser o primeiro, podendo acontecer quando o Psicólogo achar pertinente.

Para Saltiel (2012):

O período de avaliação compreende um espaço de tempo necessário para se conhecer a criança e fazer um mapeamento de vários aspectos. Esse período varia em cada caso, embora haja uma sequência geral semelhante, que inclui entrevistas com os pais ou responsáveis (juntos ou separados), entrevistas com crianças, entrevista familiar, que permite a observação da interação pais/criança/demais membros da família e entrevistas de devolução (CASTRO et al 2009 apud SALTIEL 2012, p. 8).

Seu objetivo inclui a investigação da interação com a criança, visando o estabelecimento de um diagnóstico sobre o comportamento desta e suas múltiplas determinações, sendo uma técnica de avaliação clínica muito significativa, permitindo compreender a partir do brincar o pensamento e comportamento infantil. (CUNHA, 2003).

### **2.3.3 Intervenção Psicodramática**

O Psicodrama, pode-se dizer, é um instrumento que viabiliza o trabalho de grupos humanos através de suas técnicas, incitando a criatividade e a espontaneidade facilitando um trabalho de equilíbrio biopsicossocial do indivíduo, sendo uma realização pra sociedade. (IUNES; CONCEIÇÃO, 2017).

Para Faleiros (2004), na inter-relação dos indivíduos compõem-se nos papéis sócio psicodramáticos os quais tem influência genética, cultural e social, os quais expressam a personalidade dos indivíduos dos grupos.

Conforme Faleiros (2004):

Viver os papéis do cotidiano não é viver um faz de conta, uma farsa, mas trazer a força da autenticidade e da verdade de cada um para ser digna de ser vivida e para que o indivíduo possa desenvolver sua espontaneidade e criatividade, para não correr o risco de cair na rigidez, impessoalidade, repetindo a conserva cultural que massifica a criação. Porém, para exercer essa espontaneidade e criar no papel, o indivíduo precisa revelar seu verdadeiro eu, que se dá na relação com o outro. Para melhor compreensão, antes de dar continuidade a esse aspecto, traremos alguns esclarecimentos da teoria moreniana para, posteriormente, retomar a criatividade especificamente no papel de psicoterapeuta psicodramático. Para Moreno, o homem nasce com recursos de espontaneidade, sensibilidade e criatividade como fatores que favorecem o adequado desenvolvimento da vida física, psíquica e relacional. Ao nascer, apresenta, pela primeira vez, sua capacidade de responder adequadamente a uma situação nova. Tal capacidade, fruto de forças hereditárias e ambientais, recebe o nome de espontaneidade e vai permitir o reconhecimento da sensibilidade e da criatividade (FALEIROS, 2004 p. 18).

Desta maneira, Iunes e Conceição (2017) corroboram:

A prática socionômica como metodologia de pesquisa é um instrumento de investigação social e intervenções comunitárias, método que vem sendo cada vez mais utilizado entre os pesquisadores que buscam compreender os fenômenos sociais e contribuir com o sujeito no desenvolvimento de sua consciência de cidadania e empoderamento pessoal. A democratização do Psicodrama se faz com a abertura de espaços para a sociedade trabalhar, de forma grupal e psicodramática, os conflitos inerentes ao contexto atual, facilitando o acesso e expandindo a prática socionômica (NERY; COSTA; CONCEIÇÃO, 2006 apud IUNES; CONCEIÇÃO, 2017, p. 21).

O psicodrama utiliza o ato terapêutico como método de intervenção, indo além do tato com o corpo físico, mas também com o foco no aqui e agora a partir de um viés existencial, tendo em vista sua praticidade em oferecer suporte e empoderamento em uma única sessão que pode atingir e beneficiar várias pessoas de forma conjunta influenciando o potencial e a espontaneidade dos grupos (IUNES e CONCEIÇÃO, 2017).

No exercício da habilidade de expressar-se para o universo interior e exterior, a espontaneidade, característica frisada inúmeras vezes na obra de Moreno, resulta em outro conceito chamado no psicodrama de Tele. (FALEIROS, 2004).

A proposta fundamental dos psicoterapeutas psicodramatistas é a de trabalhar no sentido de favorecer a recuperação desses recursos vitais através de relações afetivas transformadoras. A espontaneidade, a sensibilidade e a criatividade são potencialidades indissociáveis do comportamento humano. Temos todos uma boa reserva de criatividade, mas, para que esse potencial se manifeste e se explicita, torna-se necessário haver espaço para a espontaneidade. O que une e articula a espontaneidade e a criatividade é a sensibilidade, não só como percepção feita através dos órgãos dos sentidos, mas também como fator inato, de ordem afetivo-emocional. Dizendo de outra forma, a sensibilidade é a capacidade de captar as mensagens ocultas nos vários movimentos da vida. À sensibilidade ou à

percepção afetivo-emocional que permeia as inter-relações humanas chamamos fator Tele. Tele é radical grego que significa “à distância”. É utilizado para designar as percepções que ocorrem no plano afetivo-emocional entre duas pessoas, tornando-as capazes de se perceberem mutuamente. Permite intuir, com sua sensibilidade, o que ocorre na subjetividade uma da outra. É a contrapartida científica do encontro, acontecimento crucial na existência. É no encontro de duas ou mais pessoas que se dá o momento transformador. Não é apenas reunião, é vivência intensa, com elementos amorosos e também hostis (FALEIROS, 2004 p. 19-20).

As autoras, Iunes e Conceição (2017) prosseguem ressaltando que uma das grandes vantagens é que esse processo pode apresentar uma conclusão no mesmo dia, diferentemente dos demais processos terapêuticos. Os profissionais que desejam realizar este trabalho devem se sentir aptos e garantir que possuem conhecimento da metodologia do processo.

Ainda destacam (2017, p. 21): “Que convém lembrar que Moreno foi o grande precursor dessa forma de atuação sociátrica, sendo os sociodramas público e temático, o jornal vivo e o axiodrama exemplos claros disso” (IUNES e CONCEIÇÃO, 2017, p. 21).

Em função dessas técnicas, a prática do psicodrama propõe atuar resgatando a própria persona psicodramática intrínseca no homem, a partir da sensibilidade, afetividade e criatividade em ser de determinadas formas a partir de vários componentes influentes. Na relação télica por exemplo, o terapeuta incita no paciente através das características do seu papel enquanto pessoa, uma condução instrumentalizada do vínculo. (FALEIROS, 2004).

Arfouilloux (1988) apud Saltiel (2012) expressam no viés da criança:

Traz para além do brinquedo, a importância do desenho ou da encenação de uma sequência psicodramática como os modos de expressão favoritos das crianças, que permitem, sem muita angústia nem prejuízo para o seu ego, deixar transparecer seus derivados pulsionais (ARFOUILLLOUX 1988 apud SALTIEL 2012, p. 6).

Iunes e Conceição (2017) findam a ideia primordial e extraordinária da base psicodramática que é a noção do encontro:

Encontro é o conceito central da teoria moreniana. Ele é existencial e vai além do encontro físico, implicando toda a existência no aqui-agora. A mudança social se dá por meio do potencial espontâneo do grupo, do superar ou abandonar valores, do experimentar valores que levam à realização, ou seja, é no encontro que nos reconhecemos e reconhecemos o outro. O encontro se dá pela manifestação da tele, que é a troca afetiva e é a unidade de medida da relação. Ela representa uma taxa de interação, determinando a posição afetiva da pessoa no grupo. Segundo Moreno, tele é o fator sociogravitacional

entre indivíduos que promove agrupamentos de pessoas (IUNES; CONCEIÇÃO 2017 p. 22).

Percebe-se portanto, que a arteterapia enquanto área psicoterapêutica, através do psicodrama, adere a postura psicodramatista na prática para inspirar a originalidade da espontaneidade do paciente, o qual através dela irá criar e recriar seu próprio mundo interno, conforme Faleiros (2004, p. 24): “ao enfatizar a importância da relação interpessoal, mostra que é justamente nessa interação de reciprocidade que o encontro moreniano poderá existir, revitalizando a identidade das pessoas presentes”.

### **2.3.4 Intervenção Arteterapêutica**

A arteterapia se demonstra muito eficaz ao abordar aspectos subjetivos de modo simples, mas, profundamente diretiva. Segundo Gehringer (2005, p. 3): “Arteterapia é um termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos; pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura e crescimento”. Devendo-se entender cura como um processo de enfrentamento das dificuldades rumo a novos padrões emocionais de reação diante das realidades da vida.

Conforme Ferreira (2017):

A Arte é porta-voz da sociedade humana, é rica linguagem transformadora, e sua mola propulsora são os processos criativos que dinamizam e alimentam a existência do homem, interligado dois pólos: o individual e cultural, a realidade e a fantasia, o conhecido e o desconhecido, o racional e o intuitivo (FERREIRA, 2017 p. 20).

Ainda, conforme a autora Philippini (1998):

Existem inúmeras possibilidades de conceituar arteterapia. Uma delas é considerá-la como um processo terapêutico decorrente da utilização de modalidades expressivas diversas, que servem a materialização de símbolos. Estas criações simbólicas expressam e representam níveis profundos e inconscientes da psique, configurando um documentário que permite o confronto, no nível da consciência, destas informações, propiciando “insights” e posterior transformação e expansão da estrutura psíquica. Uma outra forma de dizer, poderá ser simplesmente terapia através da Arte. Embora seja necessário localizar com muito cuidado, de que é mesmo que se fala, quando se emprega a palavra arte, pois neste contexto, arte referencia – o processo expressivo – da forma mais ampla e abrangente que se pode empregá-lo. Não haverá assim, a preocupação estética e com técnicas, sendo privilegiada a possibilidade de expressão e comunicação e o resgate e ampliação de possibilidades criativas (PHILIPPINI, 1998 p. 1).

Segundo Coqueiro, et.al (2010):

A arteterapia é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando a resgatar o homem em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação (COQUEIRO, 2010, p. 860).

A cada atividade que o sujeito vai desenvolvendo, abrem-se possibilidades de diálogo com os seus conflitos internos, com suas habilidades escondidas e assim, podem emergir novas forças de direcionamento da própria experiência de construção humana (FERREIRA, 2017).

Na arteterapia, esse profissional é indispensável quando se quer transformar as atividades propostas em algo mais rentável do ponto de vista psicológico, pois, conforme evidencia (COQUEIRO et al 2010).

Um caminho produtivo para facilitar o início do processo arteterapêutico pode ser a vida da consciência corporal, dos exercícios de relaxamento das tensões e da colocação da respiração em estágios mais lentos e profundos para facilitar desbloqueios, permitindo mais fluência do processo criativo, pois esta providência rebaixa as funções da vigília, permitindo o acesso mais livre à camadas inconscientes. Estes estados poderão ser ativados também pela criação de ambientes sonoros específicos, com produção e/ou escuta de determinados sons (PHILIPPINI, 1998 p. 2).

A autora reforça que é um processo terapêutico com intervenção crucial de um saber efetivo enquanto arteterapeuta para poder fazer uso das diversas oportunidades de manifestações inerentes aos processos psíquicos dos indivíduos.

## **2.4 O USO DE TÉCNICAS E RECURSOS DA ARTETERAPIA PELO PSICÓLOGO**

Os principais recursos da arteterapia são os da expressão, quer seja por desenhos, pinturas, modelagens, esculturas, etc. Essas técnicas permitem a expressão de emoções e sentimentos. Em termos de recursos materiais recorreremos ao papel, tintas, argilas, materiais orgânicos e sintéticos (normalmente recicláveis). (REIS, 2014).

Sobre a questão da credibilidade da arte terapia nos serviços psicológicos Cherém (2015) corrobora também sobre a interdisciplinaridade da arte terapia:

As questões de formação e atuação do arteterapeuta, em nível de especialização, do psicólogo ou artista, arte-educador ou de outro profissional tem fragilizado a consciência do trabalho do arteterapeuta, que se revela superficial em virtude do pragmatismo de mais esta função da Arte. A falta de densidade teórica, de amadurecimento do conhecimento sobre Arte pelos arteterapeutas reflete-se em sua atuação, provocando indiferenciação entre o seu trabalho e do psicólogo, sociólogo ou outro profissional que, gostando de Arte, tenha feito workshops em arteterapia. É bem verdade que há profissionais da Arte, da Psicologia e de outras áreas da saúde que tem superado as dificuldades de formação superior e concentram seus esforços

na busca de solução para esse problema, desenvolvendo pesquisas científicas, bem como se aperfeiçoando por meio de cursos, seminários e estudos em grupo (CHERÉM, 2015 p. 36).

Desta maneira, a autora busca esclarecer que é preciso um estudo aprofundado e um conhecimento vasto desde a noção de Arte ao manejo da psique humana, trabalho que o psicólogo tem propriedade intelectual e científica para se utilizar das técnicas. (CHEREM, 2015).

Para Philippini (2013) apud Ferreira (2017):

Para transformar-se em observador presente, ativo, empático companheiro nessa aventura do construir-se e transformar-se pelas vias das imagens, precisará o arteterapeuta do contínuo trabalho do auto desvelar-se expressivo do ateliê. Precisarão do aprofundamento da pesquisa em sua linguagem plástica particular, a qual deve ser reciclada e renovada continuamente, para que assegure uma comunicação fluente através de estratégias expressivas diversas. Deste modo, estará efetivamente contribuindo para amenizar bloqueios no processo criativo de seus clientes e facilitando que estes possam encontrar e/ou construir suas próprias alternativas de reconhecimento e transformação através da sua produção imagética. E isso será então apoiado por sua criatividade e fluência expressiva (PHILIPPINI 2013 apud FERREIRA 2017 p. 25).

Reis (2014), discorre sobre a profundidade atuante do psicólogo se utilizando de técnicas da arteterapia:

Portanto, no trabalho do psicólogo mediado pelo fazer artístico, destaco como princípios fundamentais a concepção da arte como atividade expressiva e criativa: não se trata apenas da expressão da subjetividade, da objetivação de emoções, sentimentos e pensamentos em uma forma artística (desenho, pintura, modelagem, etc.), mas especialmente da sua transmutação pela arte, da sua reconfiguração em novas formas e em outros sentidos, em um processo no qual, ao criar na arte, o sujeito se recria na vida (REIS, 2014 p. 149).

Incitar através da arte a expressão consciente e inconsciente é capacidade própria da atuação do profissional da psicologia, sendo este, capaz de construir um diálogo na subjetividade do sujeito. (REIS, 2014).

Ferreira (2017) relembra uma questão norteadora na qualidade da terapia que psicólogo, arteterapeuta e qualquer outra profissão que apresenta a psicoterapia enquanto trabalho fornecido precisa se atentar, o setting terapêutico:

O local das sessões, setting, tem que ser um lugar, acolhedor, que faça o cliente sentir-se à vontade e protegido, isso estimulará e facilitará a sua produção expressiva. Tudo isso dará condições para ele enfrentar o que for revelado por sua produção imagética, reconhecer suas dificuldades, limitações e medos, sentir-se encorajado a aceitar-se e buscar sua transformação. É recomendável que o setting tenha disponível uma farta variedade de materiais expressivos, para possibilitar ao cliente experimentar e usufruir das propriedades, indicações e benefícios de cada um. Cabe ao

arteterapeuta definir qual a linguagem plástica e o material expressivo mais adequado para as necessidades do cliente naquele momento (FERREIRA, 2017 p. 24).

Com isso, o trabalho do psicólogo munido das técnicas da arteterapia procede a partir de muita pesquisa, estudo e experimentação na área com influência da psiquiatria a priori com estudos das patologias severas alienado ao estudo da arte e sua potência. (CARVALHO, 2008).

#### **2.4.1 Repercussões nos Indivíduos**

A arteterapia consegue extrair sentimentos profundos e repercute nas vidas dos pacientes de forma muito suave (CARVALHO, 1995).

Conforme Vasques: “As expressões artísticas têm o poder de cura no sentido de possibilitar a expressão das sensações, percepções e sentimentos, ao indivíduo ou ao grupo, libertando da rigidez e dos aprisionamentos que se apresentam como doenças” (FAGALI, CIORNAI, 2004 apud VASQUES, 2009 p. 20).

Na concepção de Reis (2014):

A arteterapia usa a atividade artística como instrumento de intervenção profissional para a promoção da saúde e a qualidade de vida, abrangendo hoje as mais diversas linguagens: plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança (REIS 2014, p. 146).

A partir de um viés junguiano, a arte terapia é um processo que oferece inúmeros materiais a serem explorados a favor do trabalho das singularidades, utilizando-se de símbolos encontrados na dança, no teatro, nas pinturas, nos desenhos, nas esculturas, em prol do contato dos próprios aspectos que cada sujeito poderá estabelecer e entender sobre si mesmo (SCHMIDT, 2007).

Conforme Schmidt (2007):

As modalidades expressivas devem ser criativas e variadas para o alcance da compreensão simbólica, e também da função organizadora específica de cada símbolo. Por isso, é muito importante que o a configuração terapêutica seja munida de instrumentos indispensáveis à viabilização desse processo, uma vez que o símbolo contém por meio da linguagem metafórica, o sentido de todos os enigmas psíquicos. (PHILIPPINI, 2000 apud SCHMIDT 2007, p. 2).

Para Reis (2014, p. 147), considerando a formação do profissional e o público com o qual trabalha, o profissional de arteterapia atua com diferentes intervenções: “avaliação, prevenção, tratamento e reabilitação” de pessoas com objetivos voltados

para a manutenção da saúde, assim como atua na área pedagógica e educacional, no desenvolvimento interpessoal por meio da criatividade, e em contextos de grupo”.

Segundo relata Andrade (2000) apud Reis (2014):

a expressão ‘artística’ revela a interioridade do homem, fala do modo de ser e visão de cada um e seu mundo. Esse ato revela um suposto sentido, e cada teoria e método em arte- terapia e terapia expressiva se apodera desse ato diferentemente, b) por intermédio desse ‘fazer arte’, expressar-se, o terapeuta pode estabelecer um contato com o cliente possibilitando a este último o autoconhecimento, a resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e o desenvolvimento geral da personalidade (ANDRADE, 2000 apud REIS p. 146).

Desta forma verifica-se que a arteterapia, por si só, permite que indivíduo expresse seu viés criativo, que além de expressar seu conteúdo subjetivo, permite despertar novos sentidos.

Ribeiro (2002) resgata concepções do brilhante teórico da psicologia Vigotski (1999) o qual questiona a psicologia que ignora as produções artísticas, o autor é conhecido por revolucionar ideias objetivistas dentro da psicologia, inclusive trazendo a atuação da arte inaugurando uma nova proposta teórica.

Conforme autora:

há necessidade cada vez maior de uma fundamentação teórica que busque perceber, compreender a complexidade psicossocial que envolve a estética como produção humana, individual e singular, e cuja concepção se dá em um conjunto de fatores sócio-culturais aos quais o artista está sujeito. Portanto, a arte não pode continuar a ser entendida apenas como um campo da psicologia aplicada, mas como uma produção social, em que o coletivo se faz singular em uma interatividade intrapsíquica de troca permanente. No mundo racionalizante das relações humanas, as idéias, os fundamentos, os conhecimentos que constituem os discursos são tidos como responsáveis pela forma como o ser humano apreende a idéia e exerce suas atividades concretas na sociedade (VIGOTSKI 1999 apud RIBEIRO 2002 p. 34-35).

Na concepção ainda de arte e psicologia no resultante do manejo com os indivíduos:

a arte é uma das ações do homem que decorre da relação mediata com o mundo cósmico, físico e sócio-cultural em permanente construção e integração, no qual se faz e se refaz, por meio de ações e representações que constrói desse mundo. Assim, na arte, o artista materializa e revela, na sua obra, um fundamento psicossocial explicitado esteticamente por meio do conteúdo e da forma que materializam a concepção e a percepção inter e intra-subjetivas dos processos e aspectos sócio-culturais presentes, conferindo à arte-cultura um poder catalisador histórico da constituição da criatividade do homem como conhecimento e reveladora das dimensões e potencialidades humanas nela implícitas. As idéias de Vigotski e de seus colaboradores basearam-se em conhecimentos não só da psicologia, mas de

teorias que, na confluência e intersecção dos seus saberes, percebem, integram e concebem o homem como um ser dotado de capacidade mental, imerso no seu contexto sócio-histórico-cultural (VIGOTSKI 1999 apud RIBEIRO 2002 p. 44-45).

Durante sessões de arteterapia diversos estudos foram feitos em prol de obter resultados satisfatórios e comprobatórios de sua eficácia, algumas repercussões das várias modalidades terapêuticas da arteterapia descrevem a profundidade de um trabalho corpo e mente adequados as necessidades dos indivíduos trabalhados. (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010).

Observa-se que a arteterapia tem possibilitado aos usuários a vivência de suas dificuldades, conflitos, medos e angústias de um modo menos sofrido. Configura-se como um eficaz meio para canalizar, de maneira positiva, as variáveis do adoecimento mental em si, assim como os conflitos pessoais e com familiares. Nota-se que há uma minimização dos fatores negativos de ordem afetiva e emocional que naturalmente surgem com a doença, tais como: angústia, estresse, medo, agressividade, isolamento social, apatia, entre outros (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010, p. 862).

Ainda, o processo arteterapêutico permite esclarecer que o profissional quando adequado ao trabalho no seu saber e propriedade intelectual e artística, permite a efetivação comprovada. (CHERÉM, 2015).

Para a credibilidade do trabalho do arteterapeuta estão implícitos a ética e o respeito à dignidade humana, e nele se propõem espaços para o cliente “dar vazão a uma serie de conteúdos internos que apenas verbalmente não seria possível”. A diversificada formação básica do arteterapeuta ou a insuficiente formação do artista ou arte-educador ampliam as deficiências na formação e atuação desse profissional. As informações teóricas obtidas nas diversas referencias bibliografias específicas neste trabalho mostram que a priorização das teorias fazem parte das várias linhas de atuação da psicologia, como a junguiana, a Gestalt-terapia, a psicanalise e outras e, apenas como complemento, ou método facilitador, dessas, as técnicas artísticas, o manuseio dos materiais expressivos, como tintas, argila, madeira, além do teatro, música, dança, poesia (CHERÉM, 2015 p. 36-37).

A fim de não ficar dúvidas sobre a atuação de profissionais formados em outras áreas, como aqui exemplificando a psicologia, a autora corrobora com a ideia exemplificando algumas técnicas:

Assim como o arteterapeuta não precisa ser psicólogo para atuar, também não precisa ser artista, mas precisa conhecer bem, tanto sobre psicologia como sobre arte. Ele deve manter seu processo criativo sempre ativo, procurando praticar sempre o ato de expressar-se através da arte. Antes de aplicar no setting terapêutico qualquer tecnica, ele deve primeiro vivenciá-la para saber qual movimento interno é motivado por cada atividade. Desenhar, por exemplo, pode ser assustador para quem se manteve distante da pratica desde a infância, por isso o terapeuta deve saber a hora e a maneira mais apropriada para lançar mao desta tecnica. A argila é um material que leva o individuo a um mergulho bastante profundo e deve ser aplicado somente

depois de já se ter estabelecido uma relação de confiança entre cliente e terapeuta. Na pintura, quanto mais fluida for a tinta, mais libertadora de emoções será a atividade. A colagem com figuras de revistas e jornais é facilitadora do desbloqueio do processo criativo, por já ter imagens prontas, e é organizadora de conteúdos internos. O mosaico trabalha desconstrução e reconstrução e também deve ser aplicado com bastante cautela. O desenho é o configurador (CHERÉM, 2015 p. 38)

Percebe-se portanto, que o universo da arteterapia quando bem fundamentado enquanto atuação profissional consegue trazer a luz da consciência da pessoa trabalhada inúmeras transformações pessoais as quais o psicólogo em específico, já possui capacidade e competência para dar sequência no processo psicoterápico com conteúdo que advém das técnicas arteterapêuticas.

#### 2.4.2 Questões Éticas Envolvidas

Apesar de existirem vários autores que versam sobre a arteterapia, não relacionados à Psicologia, também existiram aqueles estiveram muito próximos e que inclusive contribuíram para que a arteterapia se efetivasse enquanto uma modalidade terapêutica. Na verdade, percebe-se uma certa resistência ao uso de técnicas de arteterapia em tratamentos psicológicos dos pacientes, o que é compreensível considerando que atualmente se trata de duas profissões com abordagens de atuação muito parecidas.

Com relação a isso, conforme já mencionado:

Hoje a arteterapia não está mais restrita aos consultórios, revelando-se um valioso instrumento para intervenções também nas áreas da Psicologia social, escolar, organizacional, da saúde e hospitalar. O que se quer mostrar aqui é que a arte é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo e a seu cliente, seja ele um indivíduo, seja um grupo, acessar conteúdos emocionais e retrabalhá-los através da própria atividade artística (REIS, 2014, p. 147).

Sabe-se que no exercício de qualquer profissão há um código de ética que orienta como deve ser a conduta do profissional, assim, é útil observar o que coloca a Resolução nº 010 de 21 de julho de 2005, do CFP-Conselho Federal de Psicologia que instituiu o Código de Ética profissional do Psicólogo. A primeira das orientações é de que este Código, “ao estabelecer padrões esperados quanto às práticas [...] procura fomentar a autorreflexão exigida de cada indivíduo acerca das suas práxis, de modo a responsabilizá-lo, pessoal e coletivamente, por ações e suas consequências no exercício profissional” (CFP/2005, p. 5).

“A missão primordial” desse documento “não é de normatizar a natureza técnica do trabalho, e, sim, a de assegurar, [...] para a sociedade e para as práticas desenvolvidas, um padrão de conduta que fortaleça o reconhecimento social daquela categoria.” (CFP/2005, p. 5).

Sobre os princípios fundamentais, o Código de Ética refere em seu item II, que “o psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CFP/2005, p. 7).

No item III, o código orienta que “o psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática ” (CFP/2005, p. 7).

Sobre as responsabilidades do psicólogo, o Código de Ética orienta em seu “Art. 1º – São deveres fundamentais dos psicólogos”:

a) conhecer, divulgar, cumprir e fazer cumprir este Código; b) Assumir responsabilidades profissionais somente por atividades para as quais esteja capacitado pessoal, teórica e tecnicamente; c) Prestar serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional (CFP/2005, p. 8).

O código de ética refere em seu “Art. 2º – Ao psicólogo é vedado: [...] f) prestar serviços ou vincular o título de psicólogo a serviços de atendimento psicológico cujos procedimentos, técnicas e meios não estejam regulamentados ou reconhecidos pela profissão (CFP, 2005, p. 8).

Em relação às questões éticas, a Resolução 006 de março de 2019 coloca, em seus “Princípios Técnicos, Art. 5.º Os documentos psicológicos devem ser elaborados conforme os princípios de qualidade técnica e científica presentes neste regulamento ” (CFP/2005, p. 3).

Mais adiante, no seu parágrafo § 5.º especifica que ao produzir documentos escritos decorrentes da avaliação psicológica, deverá:

Se basear no que dispõe o artigo 2.º da Resolução CFP n.º 09/2018, fundamentando sua decisão, obrigatoriamente, em métodos, técnicas e instrumentos psicológicos reconhecidos cientificamente para uso na prática profissional da (o) psicóloga (o) (fontes fundamentais de informação), podendo, a depender do contexto, recorrer a procedimentos e recursos auxiliares (fontes complementares de informação) (CFP RES. 006/2019 p. 163).

Portanto, embora seja possível ao psicólogo utilizar técnicas de outras áreas em seu trabalho, neste caso da arteterapia, sempre deve primeiramente zelar pelo seu código de ética e monitorar sua própria conduta profissional, para não fazer uso indevido de recursos de outras profissões, sendo invasivo e antiético, assim como deve zelar para que o contrário também não aconteça, ou seja, que outros profissionais não façam uso de técnicas que são prerrogativas apenas ao psicólogo.

### **2.4.3 Equipe Inter Profissional**

Nos dias de hoje, cada vez mais procura-se construir equipes de trabalho de diferentes profissionais para o atendimento à saúde, principalmente fomentando a parceria interdisciplinar quando a tangente é a melhoria da saúde individual ou coletiva, lembrando que a priori parte dos profissionais da saúde a defesa primária de qualidade de vida a partir dos pressupostos dos direitos humanos (BUCHER, 2003).

O modo de como ocorre essa interação é fundamental para a equipe, que pode ser interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar. (TONETTO; GOMES, 2007 apud FELICIO, 2012).

Quando alguns especialistas discutem entre si a situação de um paciente sobre aspectos comuns a mais de uma especialidade, a interação é interdisciplinar. É multidisciplinar quando existem vários profissionais atendendo o mesmo paciente de maneira independente, com base em sua própria visão de prioridade na demanda. E quando as ações são definidas e planejadas em conjunto, é considerada transdisciplinar (TONETTO; GOMES, 2007 apud FELICIO, 2012 p. 3).

Compreende-se, portanto, que ao que diz respeito ao trabalho interdisciplinar, há muitos profissionais que vem fortalecendo esta ideia. Esse interesse por abranger outras técnicas e outros olhares em equipe multidisciplinar vem se fortalecendo, tendo como base a crescente aceitação do modelo biopsicossocial de saúde.

Para Chiattonne (2000) apud Felicio (2012), os profissionais percebem que podem encontrar nos colegas outras compreensões para os casos em questão que estão sendo trabalhados, porém, não sendo uma atitude padrão, varia conforme estrutura de cada profissão no que diz respeito abertura, confiança e cultura, exigindo habilidades e competências para saber vivenciar o trabalho em equipe.

#### 2.4.4 Importância da Arte no Trabalho do Psicólogo

Nos últimos tempos, a psicologia em toda sua construção histórica temporal foi se desprendendo da área clínica, abrindo espaço para abordar outras linhas de manejo terapêutico, como a psicologia educacional, organizacional, grupal, escolar, entre outras. (GONÇALVES et al 2017).

Ainda segundo Gonçalves et al (2017) tendo como exemplo uma base sobre a psicologia educacional e escolar:

estas duas áreas se direcionam para a aplicação de conhecimentos psicológicos nos espaços educacionais, dentre eles a escola. Historicamente o Psicólogo Escolar se inseriu neste contexto com a função focalizada no diagnóstico, atendimento, orientação e intervenção voltada para os problemas emocionais, de aprendizagem e de comportamento (PATIAS; ABAID, 2014 MARTINEZ, 2010 apud GONÇALVES et al 2017 p. 2).

Porém, atualmente a psicologia escolar citada como exemplo como também outras áreas vêm buscando ampliar sua atuação com o aumento na inserção de profissionais de psicologia nas instituições podendo assumir funções enquanto agentes de mudança no manejo das relações estabelecidas na escola. (GONÇALVES et al 2017).

Ressalta-se que atualmente, percebe-se uma ampliação sobre as possibilidades de elaborações de trabalhos diferenciados do psicólogo escolar ou social (MARTINEZ, 2010 apud GONÇALVES et al 2017).

Para Ribeiro (2002), ao falar sobre a importância da arte:

A arte é o resultado do trabalho de um profissional que, para ser reconhecido como tal, espelha, com sensibilidade e com técnica, sentimento e imaginação, os processos históricos de conhecimento do artista sem distinção de classe, de tempo e de lugar. Transcende, assim, seu próprio momento vivido. A idéia ideológica da arte, ou de uma obra de arte conter, contemplar os interesses de uma determinada classe social, não determina que seja uma verdadeira obra de arte. Esta qualidade pode facilitar o seu acolhimento, torná-la conhecida e admirada, fortalecida esteticamente, contudo, em momento algum, é constitutivo da obra. A arte sempre fala de um lugar, de uma classe social, mas como uma força produtiva qualitativamente diferente do trabalho como um bem do capital, pois suas qualidades essencialmente subjetivas, humanizadas, superam a realidade e se firmam contra a objetividade da luta de classe (RIBEIRO, 2002 p. 53).

Outrora, o psicólogo é capaz inclusive de atuar enquanto centralizador que favorece através do seu trabalho a conscientização dos papéis representados pelos grupos de pessoas, bem como influenciar reflexões desses sujeitos, sendo uma

técnica favorável advinda de instrumentos que a arte vem possibilitar (MARTINS, 2003 apud GONÇALVES et al 2017).

Desta forma, as relações que são estabelecidas entre psicólogo e indivíduo constroem uma caminhada a partir da interação, participação e apropriação que técnicas da arteterapia trazem ao sujeito (COQUEIRO et al 2010).

Nesses espaços extracurriculares pode ser trabalhado com diversas metodologias, como a expressão artística. Supõe-se que o trabalho artístico no contexto escolar e suas diversas formas de manifestação propiciam melhoras no desenvolvimento do aluno, sendo benéfico tanto para os que apresentam dificuldades de aprendizagem, quanto para os que não apresentam. Assim como, melhora na socialização e na forma de expressar seus sentimentos e suas vivências diárias (GONÇALVES et al 2017, p. 19).

Com isso, Pimenta (2014) apud Gonçalves et al (2017) salienta que:

Arte é capaz de transformar, interagir, socializar, acalmar e sensibilizar. Além disso, ela pode ser importante para a aprendizagem das crianças em idade pré-escolar, escolar e com necessidades educacionais especiais, dando-lhes melhor qualidade de vida e funcionalidade em seu aprendizado (PIMENTA, 2014 apud GONÇALVES et al 2017, p. 19).

De acordo com Souza (2011) apud ROCHA et al (2012), por meio da arte se pode degustar da vivencia das próprias emoções, sentimentos e sensações compartilhando com o mundo ao redor, pessoas ou ambiente. Os contextos partem da interação pelas vertentes das mais variadas linguagens artísticas, favorecendo um resgate do conhecimento de si mesmo a partir de um viés simbólico.

Nessa mesma linha de pensamento, Ribeiro (2002) diz:

Nesse sentido, por meio da simbolização, o homem, como ser humano, pode cada vez mais criar sofisticados meios de comunicação como a fala, que é a transformação simbólica da experiência, assim como, a arte, a religião, o ritual, a ciência. Pode-se dizer que essas formas de comunicação são suscitadas na arte, que é um caminho síntese, único, na exteriorização da experiência pessoal, fruto das atividades conscientes e inconscientes de opressão do mundo objetivo e de reelaboração no mundo interno do indivíduo. A arte é a concretização simbólica das sensações, percepções da realidade, que significam, geram conflitos na vida psíquica. O ato de criar o objeto criado pode vir a ser o porta-voz, o caminho para a resolução de conflitos e a transformação do ser humano (RIBEIRO, 2002 p. 94).

Por exemplo, uma das intervenções artísticas vem ser a música, a qual ajuda promover diversas instancias, dentre elas: o desenvolvimento emocional, aprimora a atividade cerebral, e conseqüentemente melhora a comunicação social para as interações do indivíduo. Já a dança, como sendo o afeto pela expressão do corpo, é

muitas vezes negligenciada pela fala, porém, de extrema potência na leitura das dimensões emocionais de uma pessoa (VIEIRA et al 2012).

O teatro, também enquanto intervenção artística, se dá enquanto técnica para o psicólogo resultando favoravelmente e rapidamente a inúmeras mudanças no manejo com as pessoas, sendo exercício de grupo ou individual.

Traz o resgate a espontaneidade, aumentando a autoestima, melhorando a capacidade de interação social e desenvolvendo a consciência corporal e a coordenação motora (CHAN, 2014 apud VIEIRA et al 2012).

O autoconhecimento e a autoconfiança também são promovidos com o teatro, além de melhorar a percepção de mundo.

A Arteterapia pode ser fundamentada em modelos teóricos distintos: gestalt, transpessoal, antroposofia, ludoterapia e psicanálise, mas encontra sua fundamentação mais abrangente na psicologia junguiana que considera a atividade simbólica da alma (ou psique) – praticada diariamente nos sonhos - como necessária e singular a cada homem para estruturar a progressão de um mundo interno mais saudável. Jung revela a universalidade de muitos símbolos que, como temas matriciais, regem os processos de criação, pedindo uma constante redefinição por parte do indivíduo que cria (AMART: Associação Mineira de Arteterapia - [www.amart.com.br](http://www.amart.com.br)). O aspecto inconsciente de um acontecimento, de forma geral, nos é revelado nos sonhos, como uma imagem simbólica e se encorajarmos o sonhador a falar das imagens dos sonhos e dos pensamentos que elas lhe sugerem, ele revelará o fundo inconsciente de seus problemas, tanto quanto no que diz e no que deixa de dizer. Depois de um certo tempo de análise dos sonhos, fica evidente o conteúdo que está sendo reprimido (JUNG, 2002 apud VASQUES, 2009 p. 19).

Junior (2012) descreve que:

Não entende a arteterapia como um ensinar de técnicas, mas como um caminho de aproximação dos materiais pela necessidade expressiva da pessoa em atendimento e assim pode ser feito com desenhos, realizados com lápis, canetas hidrográficas, giz de cera e outros materiais. A pintura também é utilizada pois proporciona uma liberação de emoções, através de materiais como aquarela, tintas acrílicas, óleo dentre outros. Modelagem em argila ou massa de modelar desencadeia respostas emotivas mais ligadas ao trabalho que no resultado. Entende-se que a colagem propicia para o indivíduo a troca de papéis, o recolhimento e a composição de estruturas aonde os pedaços vão se integrando para oferecer coerência com o “eu todo” (JUNIOR, 2012, p. 133).

Ainda, pela autora Sei (2011) apud Junior (2012):

Por entender que se oferece como “estratégia de intervenção terapêutica pautada para as condições de uso e desenvolvimento da criatividade, a arteterapia também se relaciona com a Psicanálise Winnicottiana justamente um aspecto que é valorizado por Winnicott que entende a “saúde mental como produto de um cuidado incessante que possibilita a continuidade do crescimento emocional”. Entende que a criação artística assume o valor do sonho no que se refere à valoração do cuidado humano, assim, o

arteterapeuta assume o “papel de ofertar o acolhimento de maneira que a pessoa possa retomar o processo de desenvolvimento emocional” e que a utilização de materiais artístico-expressivos torna presente o “ambiente suficientemente bom” indispensável para o desenvolvimento emocional da perspectiva winnicottiana (SEI, 2011 apud JUNIOR, 2012, p. 132).

Para Jung (1971, p. 54), o indivíduo formava sua personalidade baseando-se em codificações baseadas em símbolos, e essas representações do consciente coletivo eram construídas por contos, símbolos e ritos de passagens. Essa relação baseia-se no fato de a manifestação da arte é uma atividade psicológica, como tal, pode e deve ser submetida a considerações de cunho psicológico. Enfim, toda manifestação artística pode ser conduzida visando um processo terapêutico.

As diversas formas de arte têm uma qualidade que nasce delas, o poder de equilibrar forças oponentes da personalidade, como impulso-controle, amor-acolhimento versus ódioagressividade, sentimento-pensamento, fantasia-realidade, consciente-inconsciente, favorecendo as necessidades do indivíduo diante das demandas do mundo exterior e que podem ser entendidas como funções psicológicas da arte (RIBEIRO, 2002 p. 94).

Dessa maneira, a expressividade que a arte possibilita, sendo necessário relembrar que a todos essa característica funciona, sendo intrínseco a habilidade e possibilidade de criação mente-corpo pelo viés humano da criatividade, a autora Ferreira (2017) ressalta:

As expressões artísticas têm propriedades terapêuticas, deve-se respeitar a sensibilidade e o tempo de cada um para melhor conduzir o despertar no processo arteterapêutico. A linguagem verbal é passível de ser previamente organizada e selecionada antes de ser externada, usando-a o indivíduo pode controlar o que quer comunicar, pois ela passa pelo racional, pelo ego. Mas a linguagem formal é pré-verbal, sai do inconsciente, vem à tona sem máscaras, sem rédeas, é surpreendente e muito mais reveladora. Ela é carregada de símbolos que são possuidores de muitos significados. O conjunto de estratégias que busca a compreensão desses significados é a Amplificação Simbólica. A produção imagética, através da aplicação adequada da variedade de técnicas expressivas, vai mostrando, clareando aos poucos, para o indivíduo, os significados relevantes do símbolo materializado. Quando isso acontece, o processo de amplificação está encerrado e a consciência já se apropriou do conteúdo, produzindo a transformação. Durante o processo arteterapêutico são realizadas muitas amplificações (FERREIRA, 2017 p. 25-26).

Pode-se portanto considerar a partir da psicologia, da noção de trabalho multidisciplinar, da propriedade da utilização das técnicas da arteterapia uma gigante soma de possibilidades da efetivação no processo psicoterapêutico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso possibilitou compreender um pouco mais sobre o universo da arteterapia e a utilização de suas técnicas na profissão do psicólogo, bem como sobre as pessoas que estão envolvidas com esta atividade.

Neste trabalho percebemos a importância das pesquisas de Freud e Jung, as quais foram utilizadas enquanto bases para a arteterapia como um campo específico de atuação. Vem de Freud o pensamento que o inconsciente comumente se expressa por imagens. Esse conhecimento freudiano, baseando-se no que acontece nos sonhos, levou à compreensão que as imagens são uma via de acesso ao inconsciente.

Jung foi quem começou a usar a linguagem artística, através da teoria dos arquétipos, associada com psicoterapia, percebendo que emergia algo mais da relação do artista com a sua obra, que não podia ser avaliado num simples olhar.

Da mesma forma, Freud viu na arte uma forma de sublimação das pulsões. Jung percebeu que o ser humano transforma o conteúdo do seu inconsciente em expressões simbólicas, de modo a organizar o seu eu interior utilizando-se da arte.

Essas duas vertentes teóricas fizeram com que a arte ganhasse força e espaço dentro do viés terapêutico, com base nos trabalhos de Jung e Freud e de Margareth Nauburg (1890 – 1983), considerada fundadora da arteterapia, com base na teoria psicanalítica.

Destacam-se também os trabalhos dos psiquiatras Osório Cezar e Nise da Silveira, que influenciados tanto pela vertente psicanalítica, quanto junguiana, iniciaram um trabalho com arte junto aos pacientes em instituições de saúde mental, reduzindo assim os métodos agressivos utilizados na época. Com suas publicações trouxeram uma nova contribuição no plano teórico ao trazer os conceitos freudianos relacionados a arte.

Nos dias atuais a arteterapia é utilizada em interações clínicas, escolares, organizações, grupos, etc. A arteterapia passou a ser um instrumento auxiliar no trabalho do psicólogo, principalmente em pacientes que possuem dificuldades de se expressar, conseguindo isso através de alguma técnica presente na arteterapia, abrindo um caminho que vai do autoconhecimento até a elaboração de conflitos internos, através do contato com suas dores emocionais que ficam latentes, por meio dessas atividades vivenciadas de arte.

Esta pesquisa teve como principal objetivo, aprofundar o conhecimento sobre o tema arteterapia e psicologia de modo a compreender as formas e caminhos de como podemos usar essas técnicas como forma complementar nos tratamentos psicológicos, e compreender os aspectos psicossociais envolvidos, assim como o papel do psicólogo, em vários contextos.

Utilizou-se da pesquisa bibliográfica para abranger este complexo tema, para estudar os aspectos psicológicos e sociais, analisar pela visão psicanalítica e ética a possibilidade de fazer uso de técnicas de arteterapia, com o devido cuidado em não violar fronteiras de uma ou de outra profissão, daí a importância de sempre se ter em mente e poder estar consultando o Código de Ética Profissional do Psicólogo, o qual nos orienta sobre como devemos nos conduzir eticamente.

Em relação aos objetivos levantados no início do trabalho, em investigar a possibilidade de o psicólogo empregar técnicas de arteterapia nas intervenções psicológicas, incluindo as várias áreas de atuação, ficou claro que sim, os profissionais psicólogos podem usar recursos da arteterapia, como por exemplo, trabalho com pintura, desenho, argila, dança, música, enfim, atividades artísticas, desde que os objetivos sejam claros e tenham um valor psicológico, a exemplo da ludo terapia, a qual utiliza-se de brinquedos e jogos para facilitar o processo de entrevista, diagnóstico e mesmo a terapia.

Da mesma forma, ficou claro que as técnicas da arteterapia estão disponíveis ao psicólogo para serem usadas em qualquer área, na atuação, principalmente com grupos.

Observou-se através dessa pesquisa que este campo é amplo e pode abranger diversas áreas da psicologia, enquanto pesquisa e atuação do psicólogo neste meio.

Com isso, pôde-se perceber a necessidade de pesquisas direcionadas e uma visão voltada aos psicólogos que se envolvem com a atividade arte terapêutica na busca de trazer formas e traumas do subconsciente para o consciente e conseqüentemente, facilitando aos profissionais da psicologia, que através das técnicas se possa obter uma melhoria no manejo clínico e na própria psicoterapia, seja ela individual ou grupal.

Concluiu-se com esta pesquisa bibliográfica que foi possível verificar que o conhecimento teórico com a elaboração deste trabalho é de suma importância na área da psicologia, pois apresenta uma nova perspectiva de trabalho no tratamento de

pacientes, embasado em técnicas advindas da psicoterapia junguiana com influência da psicanálise e da arte.

## REFERÊNCIAS

- ADAMI, Ana. **Definição de arte**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes/definicao-de-arte/>. Acesso em 17 nov. 2020.
- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.
- ANDRADE, L. Q. **Terapias Expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- ANDRADE, Liomar. Quinto de Linhas teóricas em arte-terapia. In Maria. M. M. J. de Carvalho (Org.), **A Arte Cura? Recursos artísticos em psicoterapia** (pp. 39-54). Campinas, SP: Editorial Psy II. 1995.
- ANDRIOLO, Arley. A "Psicologia da Arte" no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 74-81, 2003. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a11.pdf>.
- BARROS, Mayra. FERREIRA, Leonardo. **A ARTE COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO PSICOTERAPEUTICA**. Novembro, 2016; 2(supl2):1-4. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/52-Manuscrito%20do%20artigo-76-1-10-20170824.pdf>. Acesso em 28 de Nov. de 2020.
- CAIADO, Elen Campos. **A importância de estimular a arte na criança**. 2014. Disponível em: <https://educador.brasile escola.uol.com.br/orientacoes/a-importancia-estimular-arte-na-crianca.htm>.
- CARVALHO, Margarida Maria MJ. **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Editorial Psy (1 janeiro 1995).
- CARVALHO, rosa Cristina maria. **ATUAÇÃO DO ARTISTA PLÁSTICO NO AMBIENTE PSQUIÁTRICO: a experiência de juqueri na década de 50**. Dissertação de mestrado. Universidade estadual de Campinas. Campinas. 2008.
- CFP - CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, **Código de Ética Profissional do Psicólogo**, 2005. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em 29 nov. 2020.
- CHAN, lana. **10 motivos para seu filho fazer teatro**. 2014. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/10-motivos-seu-filho-fazerteatro-635435.shtml>. Acesso em 20 out. 2020.
- CHERÉM, ana lucia Valença. **A ARTETERAPIA COMO FACILITADORA NO PROCESSO DE INCLUSÃO**. Monografia. Universidade candido mendes. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em [https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/C208377.pdf](https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/C208377.pdf). Acesso em 30 de Nov. de 2020.
- CINTRA, R. C. G. G. **Educação Especial X Dança: um diálogo possível**. Editora UCDB, Campo Grande, 2002.

CIORNAI, Selma. (Org.) . **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica: arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus Editorial. 2004.

CIORNAI, Selma. Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida. In M. M. M. J Carvalho (Org.), **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas, SP: Editorial Psy II. 1995.

COQUEIRO, N.F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paul Enferm**, 2010;23(6):859-62. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v23n6/22.pdf>. Acesso em 29 de nov. de 2020.

CUNHA, jurema alcides. **PSICODIAGNÓSTICO**. 1ª Edição. Rio de Janeiro. 1983. Editora Artes médicas.

FALEIROS, Elizabeth Amelio. **Aprendendo a ser psicoterapeuta**. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2004, vol.24, n.1, pp. 14-27. ISSN 1414-9893. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932004000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100003). Acesso em 13 de dez. de 2020.

FELÍCIO, Wesley Fernando. **A PSICOLOGIA E A MULTIDISCIPLINARIEDADE NA SAÚDE**. Disponível em <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0345.pdf>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

FERREIRA, heloisa dos santos. **A IMPORTANCIA DO LÚDICO NO PROCESSO ARTETERAPÊUTICO**. Monografia. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em <https://arteterapia.org.br/wp-content/uploads/2017/12/Heloisa-Monografia.pdf>. Acesso em 30 de Nov. de 2020.

FRAYZE-PEREIRA. J. A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos Avançados**, Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo set/dez. 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18404.pdf>. Acesso em 29 de nov. de 2020.

FURTH, G. M. **O Mundo Secreto dos Desenhos**. Uma Abordagem Junguiana da Cura pela Arte. São Paulo: Paulus, 2004.

GEHRINGER, Marta E. Maltoni. **Arteterapia**: um caminho transpessoal. Campinas: Humanitas, 2005. Disponível em: <http://www.humanitatis.com/Trabalhos/trabalhoarteterapia.pdf>. Acesso em 20 nov. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, carolina, et al. **PSICÓLOGO NO PROCESSO EDUCATIVO: A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO**. Eixo – Psicologia da Educação. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26169\\_13417.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26169_13417.pdf). Acesso em 26 de nov. de 2020.

GONÇALVES, fabbiane Cristina; GUIMARÃES, Silvana. LUDOTERAPIA. Prefeitura Municipal de Piracicaba do Estado de São Paulo. Psicólogo. Concurso publico nº 003/2019. Disponível em <https://www.novaconcursos.com.br/arquivos-digitais/apostilas/15569/19863/ag002-n9-amostra.pdf>. Acesso em 30 de nov. de 2020.

HADJINICOLAOU, Nicos. **História da Arte e movimentos sociais**. Lisboa: Edições 70, 1973.

HUTZ, Claudio Simon, BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Calarissa Marcelli et. al. **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre, 2016.

IUNES, Ana Luísa Silva e CONCEICAO, Maria Inês Gandolfo. Intervenção psicodramática em ato: ampliando as possibilidades. **Rev. bras. psicodrama** [online]. 2017, vol.25, n.2, pp. 19-27. ISSN 0104-5393. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v25n2/v25n2a03.pdf>. Acesso em 20 nov. 2020.

JUNG, Carl. G. (1971). **O espírito na arte e na ciência**. (3ª ed.) Petrópolis: Vozes.

JUNIOR, Lidório, **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 132-137, jun. 2012. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/10652/11461> Acesso em 28 ago. 2020.

LIEBESNY, B. Trabalhar...Pra que serve? O lugar do trabalho no projeto de vida de adolescentes de 8ª. Série de 1º. Grau Dissertação de Mestrado, **Psicologia Social**, São Paulo, PUC-SP, 1998. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17368>. Acesso em 28 de Ago. de 2020.

MACHADO, A. M. Estágio na escola pública: reflexões inspiradas na psicologia escolar. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 1, p. 85-90, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v15n1/09.pdf>. Acesso em 28 de Ago. de 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LACKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTÍNEZ, A. M. **O que pode fazer o psicólogo na escola?** Em aberto, v. 23, n. 83, 2010. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6292/1/ARTIGO\\_QuePodeFazer.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6292/1/ARTIGO_QuePodeFazer.pdf). Acesso em 25 de Ago. de 2020.

MARTINS, J. B. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 39-45, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a04.pdf>. Acesso em 25 de Ago. de 2020.

MEIRA; claudia hyala mansilha grupe; NUNES, maria lúcia tiellet. **PSICOLOGIA CLINICA: PSICOTERAPIA E O ESTUDANTE DE PSICOLOGIA**. Paidéia, 2005, 15(32), 339-343. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n32/03.pdf>. Acesso em 13 dez. de 2020.

MONDARDO, Anelise Hauschild; PIOVESAN, Laís e MANTOVANI, Paulina Cecilia. **A percepção do paciente quanto ao processo de mudança psicoterápica**. *Aletheia* [online]. 2009, n.30, pp. 158-171. ISSN 1413-0394. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942009000200013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200013). Acesso em 13 dez. de 2020.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de, **Tratado de metodologia científica** : Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses.2. ed., 1999, São Paulo: Pioneira. Disponível em: <https://biblioteca.incaper.es.gov.br/busca?b=ad&id=8504&biblioteca=vazio&busca=autoria:%>

22OLIVEIRA,%20S.%20L.%20de%22&qFacets=autoria:%22OLIVEIRA,%20S.%20L.%20de%22&sort=&paginacao=t&paginaAtual=1. Acesso em 24 de Ago. de 2020.

PATIAS, N. D.; ABAID, J. L. W. O que pode fazer um estagiário de psicologia na escola? problematizando pratica e a formação profissional. **Educação** (UFSM), v. 39, n. 1, p. 187-200, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/viewFile/4817/pdf>. Acesso em 30 de Ago. de 2020.

PHILIPPINI, Angela. (Org.) **Arte Terapia: Métodos, projetos e processos**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

PHILIPPINI, Angela. Arteterapia, um caminho. In: **Imagens de Transformação**. v.1, n. 1, 1994.

PIASON, Aline. FREIRE, Elisabeth Ludoterapia centrada na pessoa com crianças e adolescentes em situação de risco: uma pesquisa de avaliação de resultados In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO – RESUMO ISSN 1981-4321, 2011, Recife. **XIV Encontro...**, Recife: ABRAPSO, 2011, disponível em: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/html/poster/1960\\_poster\\_resumo.htm](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/html/poster/1960_poster_resumo.htm). Acesso em 28 nov. 2020.

PROJETO DE LEI N.º 3.416-A, DE 2015. CAMARA DOS DEPUTADOS. Regulamenta a profissão de Arteterapeuta e dá outras providências; tendo parecer da Comissão de Seguridade Social e Família – Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1671098](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1671098) – Acesso em 29 de nov. de 2020.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo, Psicologia: Ciência e Profissão**, 2014, 34 (1), 142-157. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932014000100011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011). Acesso em 29 de nov. de 2020.

REISIN, Alejandro. **Arteterapia: semânticas e morfologias**. 1ª edição – São Paulo: Vetor, 2006 (Coleção alma mundi).

RIBEIRO, maria aparecida Guimarães. **CONCEPÇÕES E FUNÇÕES DA ARTE NA ARTETERAPIA**. 2002. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Goiás. 2002.

SALTIEL, Iisiana. Recursos utilizados na entrevista lúdica diagnóstica para avaliação de crianças no período de latência. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56642/000860123.pdf?sequence=1>. Acesso em 30 de nov. de 2020.

SANTOS, Raíssa. **Intervenção Psicológica com Ludoterapia**, 1ª edição – Lisboa, Pactor, 2018.

SANTOS, Vanice dos. CANDELORO, Rosana J. **Trabalhos Acadêmicos**. Porto Alegre: AGE Ltda, 2006.

SANTOS, Vanice dos; CANDELORO, Rosana. J. **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre: Age, 2006.

SCHMIDT, marília; NUNES, maria. O brincar como método terapêutico na prática psicanalítica: uma revisão teórica. *Revista de Psicologia da IMED*, Jan.-Jun, 2014, v. 6, n. 1, p. 18-24. Disponível em <file:///C:/Users/User/Downloads/404-1986-1-PB.pdf>. Acesso em 29 de Nov. de 2020.

SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise**. São Paulo: Zagodoni, 2011.

SILVA, Gabriele. **Arteterapeuta: entenda como o profissional atua**, 2019, Educa mais Brasil, Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/carreira/arteterapeuta-entenda-como-o-profissional-atua> Acesso em 15 de out. de 2020.

SILVEIRA, N. O mundo das imagens. São Paulo: Ática. 2001

SOUZA, M. M. M. D. Contribuições da arte na educação inclusiva. Brasília. Universidade de Brasília. 2011.

THERENSE, Munique Processo ludoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial das crianças em atendimento clínico **Rev. abordagem gestalt**. vol.25 no.1 Goiânia jan./abr. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672019000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000100003). Acesso em 18 de Nov. de 2020.

TOMMASI, Sonia B. **Pensando a arteterapia: com arte, ciência e espiritualidade/** (organizadora) Sonia Bufarah Tommasi – São Paulo: Vetor, 2012.

TONETTO, Aline Maria e; GOMES, William Barbosa. A prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar. **Estud. psicol.** (Campinas) [online]. 2007, vol.24, n.1, pp.89-98. ISSN 1982-0275. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a10.pdf>. Acesso em 18 de nov. de 2020.

Universidade Alto Vale do Rio do Peixe-**UNIARP Normalização de trabalhos acadêmicos**. / Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe. Caçador: EdUNIARP, 2019.

VALLADARES, A. C. A.; Novato, A. C. R. S. - Aspectos transformadores da construção em arteterapia com adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem** (online), Goiânia, v.3, n.1, jan-jun. 2001. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen> Acesso em 22 de out. de 2020.

VASQUES, marcia Camargo penteado correa Fernandes. **A ARTETERAPIA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO HUMANA DE SAÚDE MENTAL**. Pós graduação. Universidade estadual Paulista. Batucatu, São Paulo. 2009.

Vigotski, Lev. S. (1999). **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1925).

VIZZOTO, Marília. M. **A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Mauricio Knobel** *Estud. psicol.* (Campinas) vol.25 no.1 Campinas Jan./Mar. 2008.